



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS I
BACHARELADO EM TURISMO E HOTELARIA

ALINE OLIVEIRA SOUZA
DANIELA BELISSA SILVA VILLANUEVA

DOS CAMINHOS DO CACAU, NA TERRA DE JORGE AMADO, AO
TURISMO RURAL

SALVADOR

2012

ALINE OLIVEIRA SOUZA

DANIELA BELISSA SILVA VILLANUEVA

**DOS CAMINHOS DO CACAU, NA TERRA DE JORGE AMADO, AO
TURISMO RURAL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Turismo e Hotelaria da Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Turismo e Hotelaria.

Orientadora: Prof^a. Natália Coimbra de Sá

SALVADOR

2012

ALINE OLIVEIRA SOUZA

DANIELA BELISSA SILVA VILLANUEVA

**DOS CAMINHOS DO CACAU, NA TERRA DE JORGE AMADO, AO
TURISMO RURAL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Turismo e Hotelaria da Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Turismo e Hotelaria.

Resultado: _____

Salvador, ____ de _____ de 2012.

Comissão Examinadora:

Orientadora: Profa. Dra. Natalia Silva Coimbra de Sá – UNEB
Doutora em Cultura e Sociedade

Banca Examinadora: Profa. Ms. Myriam Sampaio Freire de Mello Soares – UNEB
Mestre em Políticas Públicas, Gestão do Conhecimento e Desenvolvimento Regional

Banca Examinadora: Profa. Ms. Chelly Costa Souza – IFBA
Mestre em Desenvolvimento Regional e Urbano

Dedicamos este trabalho primeiramente a Deus, pela saúde, fé e perseverança que nos tem dado. Aos nossos pais, os quais nos deram o apoio para a continuidade e término da pesquisa, e por fim, a nós mesmas, autoras do trabalho ao qual dedicamos nosso tempo, paciência e a perspectiva de um bom resultado.

AGRADECIMENTOS

Aos nossos amigos pelo incentivo e apoio constantes.

A todos os professores e professoras que contribuíram para a nossa formação.

À professora Natalia Coimbra pela atenção e apoio durante o processo de orientação e definição do trabalho.

À professora e coordenadora do curso de Turismo e Hotelaria, Myriam Freire pelo apoio e compreensão.

A Marcelo Cordeiro, agente de viagem da Cordeiro Turismo, o qual garantiu a nossa hospedagem na cidade de Ilhéus.

A Elisabeth Lima, proprietária da fazenda Almada que contribuiu com apoio e amizade.

“Assim é a Bahia. Esse é o seu clima, ligado ao passado, fitando o futuro”

Jorge Amado.

RESUMO

Ilhéus, cidade notória pelo seu extenso litoral, potencial turístico de praia e sol e cenário dos romances de Jorge Amado, ficou conhecida no século XIX como a capital do cacau. No auge da sua história, era a maior produtora do fruto no país e foi através desta cultura que houve a expansão das fazendas de cacau. Com a decadência dessa produção, surgiu um novo segmento turístico na região, o turismo rural. A partir da queda da produção de cacau, o resultado foi o aproveitamento dessas fazendas como pontos turísticos, apresentando aos visitantes a rotina rural e a produção de cacau que restou na região. Diante disso, o tema abordado neste trabalho é a representação do cacau para o Município de Ilhéus e a influência deste no turismo rural, objetivando analisar o potencial para a utilização do cacau como atrativo para o turismo rural. É importante analisar esse segmento do turismo na região, pois apesar de Ilhéus ter sua história pautada no cultivo do cacau, existem poucos estudos científicos que relacionam esse produto com o turismo. É também socialmente relevante, pois essa pesquisa contribui para o acesso da população à história da cidade e ao valor cultural que o cacau trouxe para a região, além da sua importância para o crescimento e expansão do turismo local. Assim, busca-se ampliar a valorização da cultura do cacau e o valor turístico para Ilhéus, sendo isso evidenciado através do turismo rural.

PALAVRAS CHAVE: Cacau. Cultura. Ilhéus. Jorge Amado. Turismo Rural.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1 – Mapa da localização de Ilhéus	16
Fotografia 2 – Bar Vesúvio	17
Fotografia 3 – O cacau	18
Fotografia 4 – Amêndoas de cacau	18
Fotografia 5 – Planta com a doença vassoura de bruxa	21
Fotografia 6 – Estátua de Jorge Amado localizada no centro histórico da cidade	29
Fotografia 7 – Passeio de charrete	37
Fotografia 8 – Entrada da Fazenda Yrerê	38
Fotografia 9 – Indicação de entrada da fazenda	39
Fotografia 10 – Quiosque de recepção	39
Fotografia 11 – Barcaça com amêndoas	40
Fotografia 12 – Casa sede	41
Fotografia 13 – Móveis antigos	44
Fotografia 14 – Barcaças da Fazenda Almada	45
Fotografia 15 – Área de lazer da Fazenda Almada	45
Fotografia 16 – Paisagem ao redor da fazenda	46

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 CACAU: FRUTO DE ILHÉUS	15
2.1 ILHÉUS	15
2.2 O CACAU	17
2.3 OS DERIVADOS DO CACAU	23
3. CACAU: UM FRUTO CULTURAL	26
3.1 UM PATRIMÔNIO CULTURAL	26
3.2 JORGE AMADO	28
4. FAZENDAS DE CACAU: DO CENÁRIO DE JORGE AMADO AO TURISMO RURAL	31
4.1 TURISMO RURAL	31
4.2 FAZENDAS: UM ATRATIVO TURÍSTICO	34
4.3 BASTIDORES DO TURISMO RURAL: TRADE TURÍSTICO	47
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	55
APÊNDICES	59
ANEXOS	95

1 INTRODUÇÃO

A história de Ilhéus começa quando Dom João III, rei de Portugal, inicia a repartição das capitanias do Brasil. Nesta repartição, o rei cedeu a Jorge de Figueiredo Correia, escrivão da sua fazenda, a sua capitania. Este mandou o representante Francisco Romeiro às suas novas terras, desembarcando no novo local, começou a povoá-la. O mesmo, em 1560, vendeu a capitania de Ilhéus para Lucas Giraldes, ávido pelo lucro, começou a exploração da mão de obra indígena iniciando o cultivo da cana de açúcar. Na época, o governador Mem de Sá, mandou exterminar todas as aldeias indígenas que se opusessem a trabalhar nos engenhos. Segundo Torezani (2004, p.120) “No século XVII, a cidade sofre invasões de franceses e holandeses, passando também por algumas enfermidades. Os holandeses vinham interessados na produção de açúcar [...]”.

Diante disso, as revoltas entre indígenas e portugueses continuavam e, em paralelo, observava-se o abandono administrativo levando a capitania a enfrentar uma crise por conta do desinteresse do governo da Bahia em investir na região.

Partindo para o século XVIII, em que ocorreram fatos de maior importância na história econômica de Ilhéus como o plantio das primeiras mudas de cacau no território e a carta régia criada pela Majestade Real, D. Maria I, que incrementava e fomentava a cultura do cacau na Comarca de Ilhéus, estipulando preço mínimo para o produto, muitos plantaram e muitos outros não, ficando o cacau no final do século XVIII apenas como experimento econômico. (HISTÓRIA..., 2012).

De acordo com dados fornecidos por Rangel (1982) a versão que é mais aceita é a de que, em 1746, o cacau foi introduzido na Bahia através de um suíço que presenteou Antônio Dias Ribeiro com sementes de cacau vindas do Pará e plantadas na região de Canavieiras, em aluviões dos flancos dos rios Pardo e Jequitinhonha. Depois, o cultivo foi levado para Ilhéus e, a partir dali, se expandiu.

No século XIX, despontou na região uma nova fonte de renda, a cacauicultura. Juntando-se aos alemães, os colonos espanhóis, que anteriormente plantaram café, acreditaram na cultura do cacau e alavancaram o ciclo dos frutos de ouro.

O desenvolvimento desse cultivo foi favorecido pelo clima quente e úmido da região sul da Bahia. Este fruto se tornou uma importante fonte de renda para a população local, principalmente para os fazendeiros.

No Brasil, o cacau adaptou-se perfeitamente ao clima e solos do Sul da Bahia, trazendo muita prosperidade para a região de Ilhéus, constituindo-se num dos pilares fundamentais para o enriquecimento de muitas famílias de cacauicultores, contribuindo muito para o desenvolvimento regional. (CUENCA; NAZÁRIO, 2004, p.8).

O cacau é um fruto que requer, para o seu cultivo, condições climáticas apropriadas, as quais foram encontradas na região de Ilhéus. Nesta região encontra-se um ambiente com calor e umidade, além de favorável à cultura de produtos que exigem sombreamento definitivo, como é o caso do cacau. Com isso, este fruto passou a gerar lucro e dar garantia de prestígio, riqueza e poder.

De acordo com Galeti (1972), no ano de 1822 aportaram em média 28 famílias alemãs, totalizando 160 pessoas, para trabalharem nas capitânicas em Ilhéus. Porém, ao encontrar condições desfavoráveis para o trabalho, como a falta de instrumentos para tal, começaram a plantar o cacau, iniciando o costume dessa monocultura.

Foi através da cacauicultura que houve a expansão das fazendas de cacau e, conseqüentemente, a crescente procura pelo conhecimento desse cultivo. Com isso, muitas famílias desenvolveram suas fazendas e repassaram a tradição do cultivo dessa cultura para netos e bisnetos, fazendo com que várias gerações pudessem também lucrar com a atividade, realidade que se tornou muito comum em Ilhéus.

Além da simbologia do cacau, que trouxe grande valor econômico para a cidade, Jorge Amado difundiu as belezas e cultura da região através de seus romances e colaborou para a divulgação de Ilhéus no mundo. O escritor se utilizou dos acontecimentos marcantes da região transcrevendo-os em suas obras, transformando-se assim em um ícone da cultura ilheense.

[...] desses elementos pontuais da identidade ilheense, em 1943, Jorge Amado escreve Terras do sem fim, segundo romance do ciclo da cultura cacauera, que trata da existência sofrida dos que vencem a mata, plantam e colhem os frutos, além de retratar a imponência dos coronéis do cacau, sua força e violência, na época da aventureira conquista da terra. (COSTA; DA SILVA; SANCHES FILHO, 2004, p.2).

Indiretamente, Jorge Amado ajudou a difundir o turismo na cidade de Ilhéus provocando nas pessoas que liam seus livros a curiosidade de conhecer aquele cenário.

Em Ilhéus, as áreas transformadas em espaço de atrações turísticas se realizam capturando fragmentos da história e da cultura do cacau, reproduzindo-se enquanto simulacros aqui entendidos como lugares reproduzidos para consumo. A cidade passou por um intenso processo de remodelação por meio de seus fragmentos para atender as exigências desse novo ramo da economia [...] (MOREIRA, 2011, p.4).

O turismo é uma atividade econômica relevante, geradora de serviços e interativa, pois se relaciona com a sociedade, com o meio ambiente e com a cultura das localidades receptoras. Contribui para o desenvolvimento de uma nação, pois, além de colaborar economicamente, estimula melhorias sociais. Isso se justifica no sentido de que o turismo incentiva a comunidade na produção da sua identidade, a partir do momento que esta se vê como participante de determinada cultura, portanto, colabora para a sua divulgação.

Turismo é um fenômeno social que consiste no deslocamento temporário e voluntário de um ou mais indivíduos que, por uma complexidade de fatores que envolvem a motivação humana, saem de seu local de residência habitual para outro, no qual não exerça atividades lucrativas ou remuneradas, gerando múltiplas inter-relações de importância cultural, sócio econômica e ecológica entre os núcleos emissores e receptores. (MOTA, 2001, p. 43).

O conhecimento da potencialidade do turismo tem favorecido a divulgação dos atrativos turísticos. No caso do estado da Bahia, existe a oferta de atratividade turística, como a diversidade da natureza, a cultura local, o clima e a história. O turismo se aproveita desses atrativos naturais para o seu próprio desenvolvimento, buscando valorizá-los.

O turismo rural é uma segmentação da atividade turística que, em Ilhéus, visa o aproveitamento das fazendas de cacau para divulgar seu passado e sua cultura, possibilitando ao turista visualizar o cenário difundido na literatura de Jorge Amado, participando de uma rotina rural. Neste aspecto, o cenário rural representa um elemento com sentido de identidade local, tendo como objetivo a valorização da literatura e cultura da região sul-baiana.

Portanto, a partir da contextualização apresentada, o tema abordado neste trabalho é a representação do cacau para o município de Ilhéus e a influência deste

no turismo rural, pois se percebe a importância que este fruto tem, não só pelo seu valor econômico para a região, mas também pelo seu valor cultural. Diante deste valor cultural e da sua afinidade com o turismo, questiona-se qual a relação do cacau com o turismo no município de Ilhéus? Como pressuposto, parte-se do princípio que o cacau, por ser um elemento histórico, através das fazendas, contribui para o desenvolvimento do turismo rural no município de Ilhéus, possibilitando aos visitantes um conhecimento sobre o fruto e seus derivados.

Sendo assim, é importante analisar esse segmento do turismo na região, pois, apesar de Ilhéus ter sua história pautada no cultivo do cacau, existem poucos estudos científicos que relacionam esse produto com o turismo. Do ponto de vista social, essa pesquisa tem como finalidade contribuir para o acesso da população à história e ao valor cultural que o cacau trouxe para a região, além da sua importância para o crescimento e expansão do turismo no local.

Deste modo, o objetivo geral que se almeja neste trabalho é analisar o potencial para a utilização do cacau como atrativo para o turismo rural no município de Ilhéus.

Os objetivos específicos para o desenvolvimento do trabalho são:

- a) Compreender a história do cacau e a sua importância para Ilhéus;
- b) Analisar o cacau como atrativo cultural;
- c) Identificar como é praticado o turismo rural motivado pelo cacau na região.

E as perguntas que norteiam a pesquisa são:

- a) Qual a origem histórica do cacau?
- b) Qual a potencialidade da utilização do cacau para o turismo rural na região?
- c) Até que ponto as fazendas de cacau se organizam para atender ao turismo rural?

Para isso, é utilizada a metodologia de estudo de caso, que “requer a utilização de múltiplas técnicas de coleta de dados. Isto é importante para garantir a profundidade necessária ao estudo [...]” (GIL, 2010, p.119).

Quanto aos procedimentos técnicos, é utilizada a pesquisa bibliográfica, desenvolvida a partir de material já tornado público, como livros e artigos, sendo realizadas pesquisas na biblioteca da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), localizada na cidade de Ilhéus, na biblioteca da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), na Biblioteca da Bahiatursa e na Biblioteca Central de Salvador, juntamente com pesquisa eletrônica. Além destas, é utilizada a pesquisa documental que:

[...] apresenta muitos pontos de semelhança com a pesquisa bibliográfica, posto que nas duas modalidades utilizam-se dados já existentes. A principal diferença está na natureza das fontes. A pesquisa bibliográfica fundamenta-se em material elaborado por autores com o propósito específico de ser lido por públicos específicos já a pesquisa documental vale-se de toda sorte de documentos, elaborados com finalidades diversas. (GIL, 2010, p.30).

Quanto à abordagem, é utilizada a pesquisa qualitativa, pois “o pesquisador vai a campo buscando ‘captar’ o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes” (GODOY, 1995, p. 21). Essa definição complementa outro tipo de técnica de pesquisa utilizada para o desenvolvimento do trabalho, que é a pesquisa de campo. Esta, de acordo com Marconi e Lakatos (2010), é utilizada com o objetivo de conseguir informações acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta que se queira comprovar.

Durante a pesquisa de campo, foram realizadas duas visitas a Ilhéus nos meses de julho e outubro de 2012. Nestas oportunidades, foram visitadas três fazendas, com o intuito de entrevistar os donos das propriedades, porém, efetivamente apenas os proprietários das fazendas Yrerê e Almada responderam a um questionário pré elaborado sobre a estrutura de cada propriedade e o que é oferecido para os turistas. Enquanto à propriedade Primavera foi avaliada apenas sob a perspectiva de turista, ou seja, foi visitada por meio de pacote turístico.

Entrevistas feitas em três agências de viagens da cidade também ajudaram a compor este trabalho, proporcionando uma diversidade de perspectivas sobre o que foi observado em campo. Conversas com especialistas no assunto foram complementares e relevantes para a fundamentação da parte do setor público, como as entrevistas com a Bahiatursa e a Secretaria de Turismo de Ilhéus. Todos os instrumentos de pesquisa encontram-se nos apêndices.

O trabalho está dividido em capítulos e subcapítulos específicos. O primeiro capítulo corresponde a presente introdução. No segundo capítulo apresenta-se uma contextualização sobre o município de Ilhéus, seus dados oficiais e seus atrativos turísticos. Logo em seguida é apresentado o cacau, sua origem, como este fruto veio parar na Bahia, o seu cultivo e a sua maior praga: a vassoura de bruxa. Neste, também há um subcapítulo, onde é destacado o mais conhecido derivado do cacau:

o chocolate. E como ele foi descoberto e trabalhado até chegar à forma como é conhecido atualmente.

Dando continuidade ao trabalho, o terceiro capítulo visa apresentar a cultura e o patrimônio que este fruto veio a ser, não só para a cidade de Ilhéus, mas também para seu entorno. Também é citado o trabalho do famoso escritor e divulgador da Bahia, e especificamente de Ilhéus, Jorge Amado, e a sua importância para a cidade e para o turismo, pois através de suas histórias fez com que o mundo viesse a conhecer São Jorge dos Ilhéus.

No quarto capítulo, é apresentado o turismo rural, as três fazendas visitadas e as informações coletadas através das entrevistas com os empresários que trabalham com o turismo nas fazendas de cacau, as agências de viagem e o setor público sobre como o mesmo tem sido desenvolvido na região.

Finalizando o trabalho, na conclusão, é dado um parecer onde é analisada toda a pesquisa feita em campo, sobre o que foi visto pessoalmente na cidade de Ilhéus, o *trade* turístico e a situação das fazendas que pretendem ou trabalham com o turismo rural, suas potencialidades e desafios.

2. CACAU: FRUTO DE ILHÉUS

Como já se pode perceber, o cacau é o sujeito deste trabalho. Dessa forma, parte-se da necessidade de compreensão do mesmo, que será utilizado como uma contribuição para o turismo. Isso se dá por conta de sua participação em um contexto histórico específico e indispensável para o entendimento cultural do município de Ilhéus.

2.1 ILHÉUS

O município¹ de Ilhéus localiza-se na região sul da Bahia aproximadamente a 450 km de Salvador (Fotografia 1), possui uma área de 1.760 km² e uma população total com mais de 184 mil habitantes (IBGE, 2010). De acordo com Heine (2002), possui importância econômica de destaque em relação à indústria e ao comércio por possuir um distrito industrial, que se localiza na região norte da cidade. A maioria das indústrias instaladas eram ligadas ao beneficiamento do cacau, por isso é considerada a capital do cacau. A cidade é também conhecida como “princesinha do sul”. Ilhéus está situada na microrregião cacauzeira e limita-se ao Norte com os municípios de Aurelino Leal, Itacaré e Uruçuca; ao Sul com Una; a Oeste com Itapitanga, Coaraci, Itajuípe, Itabuna, Buararema; e a Leste com o oceano Atlântico. (HEINE, 2002, p. 21).

¹ Em alguns momentos deste trabalho, menciona-se Ilhéus como cidade, outrora como município. Isso ocorre porque existe uma preocupação em deixar claro que, apesar da maioria dos documentos citarem o termo “cidade” mesmo em se tratando de Ilhéus na perspectiva do cacau, é preciso esclarecer que a palavra “município” se torna mais utilizável, pois este trabalho foca no tema do cacau, que se contempla com a existência das fazendas que se localizam geralmente em locais mais afastados do centro urbano, na zona rural de Ilhéus, daí explica-se o uso de “município” para englobar estas localidades.

Fotografia 1 – Mapa da localização de Ilhéus.



Fonte: Blitz Conquista (2012).

Além de ser uma das cidades mais antigas do estado, fundada em 1881, abriga em seu território arquitetura própria da época e um extenso litoral. O município está localizado na zona turística da Costa do Cacau² que engloba também os municípios de Itacaré, Uruçuca, Una, Santa Luzia e Canavieiras.

A cidade de Ilhéus está classificada como um pólo turístico de grande importância para o Estado da Bahia. Ilhéus possui um destacado perfil turístico, por seus atrativos naturais e histórico-culturais. Após décadas de monocultura do cacau, surgiu uma nova alternativa de atividade lucrativa, buscando renascimento econômico através do turismo. Foi a partir dos anos de 1990 que Ilhéus passou a ter um reconhecimento como cidade turística de forma a alguns locais serem comercializados como atrativos, a exemplo das praias e do centro histórico.

Com uma extensão de 93 km de litoral, as praias de Ilhéus têm uma importância significativa para o turismo da região. Algumas são mais conhecidas, como a praia do Cristo, que possui a imagem do Cristo Redentor inspirada no monumento carioca; a praia de Olivença, que abriga uma estância hidromineral; e a praia dos Milionários, que ganhou esse nome em função das mansões dos barões de cacau.

² “Cerca de 180 km, entre os municípios de Itacaré e Canavieiras, formam a chamada Costa do Cacau. Reduto de belezas naturais, rios margeados por fazendas de cacau, praias intocadas, de vastos coqueirais, em meio à Mata Atlântica, e densos manguezais” (BAHIA, 2012).

Outro ponto importante no turismo de Ilhéus é o centro histórico, que aparece como cenário em algumas obras de Jorge Amado. As construções mais destacadas são o Bataclan, uma antiga casa noturna onde os barões de café se divertiam, funcionou como cabaré e cassino, abrigando atualmente um espaço cultural; a Casa dos Artistas, espaço para eventos culturais; a Casa de Cultura Jorge Amado, construída pelo pai do romancista; o mercado do artesanato, um lugar para quem quer comprar lembranças; o Bar Vesúvio (Fotografia 2), onde os coronéis do cacau costumavam se reunir para falar de suas conquistas; dentre outros pontos turísticos.

Fotografia 2 – Bar Vesúvio.



Fonte: Villanueva (2012).

Aos poucos vem se notando também o surgimento de outro segmento importante do turismo para o município, que é o Turismo Rural, praticado nas fazendas da região, permitindo aos visitantes conhecerem o estilo de vida dos coronéis, roças com cacauzeiros em produção, matas nativas e degustação de chocolates, entretanto trata-se melhor do tema no capítulo 4. Aqui convém destacar que este tema, por ser relevante, tem o cacau como objeto de estudo conforme o item que se segue.

2.2 O CACAU

O cacau é fruto de uma árvore que é originária das Américas, mais precisamente na região da América Central (Fotografias 3 e 4). Este era cultivado

primeiramente pelos astecas no México, que preparavam uma bebida com o suco deste fruto. Com a chegada dos colonizadores espanhóis, houve uma modificação da pronúncia da palavra referente a esse suco, que antes era *kabkajuatl* e passou a ser *cacauatl*. Com o decorrer do tempo essa palavra deu origem ao que se conhece hoje como chocolate (LEVANON; ROSSENTINI, 2001). Os espanhóis aperfeiçoaram essa bebida já conhecida pelos astecas adicionando açúcar e durante algum tempo conseguiram guardar o segredo do preparo desse produto em suas colônias, o que lhe permitiu o monopólio do comércio no mundo civilizado (GALETI, 1972).

Fotografia 3 – O cacau.



Fonte: Souza (2012).

Fotografia 4 – Amêndoas de cacau.



Fonte: Souza (2012).

Para os astecas, este fruto tinha um significado religioso, pois achavam que o cacau era um alimento dos deuses. O botânico sueco Carlos Linnaeus, inspirado por essa mitologia, denominou o fruto de *Theobroma Cacao*, que significa manjar dos deuses. (LEVANON; ROSSETINI).

A cultura cacaeira foi introduzida no Brasil no século XVII pelos portugueses que já haviam aprimorado suas formas de produção e consumo. O cultivo brasileiro em larga escala teve início no século XIX, na região de Ilhéus, de acordo com Rangel (1982). Apesar de o cacau ter chegado à região de Ilhéus, tendo solo propício para sua produção, este não teve sucesso inicialmente, pois concorria com o cultivo da cana de açúcar, que era o produto em destaque na época.

As primeiras plantações na Bahia datam aproximadamente de 1746, na fazenda Cubículo, às margens do rio Pardo, na então capitania do São Jorge dos Ilhéus (hoje município de Canavieiras). Estas plantações foram feitas pelo português Antônio Dias Ribeiro, com sementes trazidas do Pará pelo Francês Louis Frederic Warneau. Esta plantação inicial quase fracassou em virtude de não poder concorrer com a cana de açúcar, muito próspera na época. (HEINE, 2002, p.34).

A cultura do cacau nasceu ao lado dos engenhos de açúcar, posteriormente tendo se alastrado pelo sul do estado, por conta do seu plantio às margens do rio Cachoeira. Essa expansão se deu desordenadamente e primeiramente por curiosidade, pois se tinha pouco conhecimento do fruto, mesmo assim chegou-se à conclusão de que o sul da Bahia era o solo ideal para o cultivo do mesmo.

O cacau só começou a aparecer como produto gerador de riquezas a partir da década de 1830, quando as primeiras plantações foram substituindo a cultura da cana de açúcar.

Tendo em vista esta descoberta sobre a capacidade regional para a inserção do fruto como atividade econômica, muitos nordestinos (principalmente de Sergipe) se deslocaram para a região sul da Bahia e, assim, a lavoura cacaeira tomou impulso e cresceu de forma definitiva. Além dos brasileiros, muitos estrangeiros quiseram investir nesse tipo de economia. Até 1986, a transformação de grãos em derivados de cacau chegou a empregar três mil trabalhadores em sete grandes fábricas instaladas no Distrito Industrial de Ilhéus (PRESERVE..., 1999). Com isso, a produção do cacau tornou-se um símbolo da região devido ao desenvolvimento que proporcionou para a economia local durante o auge da sua plantação.

Decorridos mais de 170 anos do início da implantação do cacau na Bahia já em 1910 o cacau ocupava o primeiro lugar na economia baiana com uma produção em 1924 de mais de 1 milhão de sacos e ocupando o segundo lugar na produção mundial de cacau. (COSTA, 1992, p.13).

Isso significa dizer que a história de Ilhéus, sua cultura e desenvolvimento se deram intrinsecamente relacionados ao cultivo do cacau, já que as relações econômicas, políticas e sociais se deram neste contexto.

Para que o cacau seja entendido na íntegra, é preciso mostrar como se dá o seu cultivo. “A colheita é feita manualmente com pequenas facas acopladas na ponta de uma vara comprida chamada podão. O ideal é que sejam colhidos frutos maduros.” (HEINE, 2002, p.37). Percebe-se que a colheita é trabalhosa, pois é feita à medida que o fruto vai amadurecendo.

Depois que o fruto é quebrado, o cacau é levado para o cocho, uma grande caixa de madeira, onde atinge a temperatura de 60° C, e é revolvido periodicamente. Quando esfria está pronto para a secagem na barcaça. O barcaceiro, o homem que revolve as amêndoas, para que elas peguem sol de forma homogênea, passa o dia [...] virando de um lado para o outro, quando enfim o produto está pronto para ser ensacado e, saindo da fazenda, tomar o caminho de virar o chocolate. (HEINE, 2002, p.38).

Além desse método anteriormente citado, existe outro método que se caracteriza pelo uso de montões. Este é considerado mais primitivo, geralmente utilizado por pequenos produtores. Neste caso, a revolução do montão ou a transferência de uma caixa para outra depende, em parte, da variedade de cacau processada, do tamanho da caixa (montão), além de fatores como temperatura e umidade do ar.

O fruto é uma baga, pentalocular, de cor amarela, amarela-avermelhada quando maduro. A sua superfície é percorrida por 5 sulcos longitudinais mais ou menos profundos e 5 outros superficiais. As sementes, que constituem a parte visada na cultura, variam na forma e tamanho, segundo a variedade e a posição que ocupam no fruto. (GALETI, 1972, p. 225).

Botanicamente, existem três espécies de frutos: os forasteiros, que são mais encontrados no Brasil; os crioulos, nativos do México e os trinitários que são híbridos naturais entre os dois primeiros. O cacauzeiro é muito exigente e necessita de calor e umidade, preferindo solos profundos, porosos e frescos. (GALETI, 1972, p. 227).

Como toda cultura, o cacauzeiro também está sujeito a doenças. O cacau teve seu pico de decadência com a chegada da vassoura de bruxa, uma doença que chegou a devastar quase todas as plantações de cacau em certas fazendas.

A Vassoura de Bruxa (*crinipellis pernicioso*) é originária da bacia Amazônica e seu raio de ação limita-se às Américas, aí ocorrendo em todos os países produtores de cacau. É considerada uma das mais sérias enfermidades do cacau, chegando, em alguns casos a comprometer até 90% da produção, quando não controlada. O fungo só se desenvolve em tecido novo, ocorrendo nos ramos, almofadas florais e frutos. Provoca o aumento do diâmetro da parte afetada, acompanhado da proliferação de pequenos brotos próximos uns aos outros, onde se prendem folhas grandes, curvadas. (GRAMACHO *et al* 1992, p. 64)

De acordo com Cuenca e Nazário (2004), a vassoura de bruxa (Fotografia 5) apareceu em 1989, primeiramente no município de Uruçuca, no meio da região cacauzeira, e espalhou-se por toda a região sul da Bahia, trazendo prejuízo para os produtores.

Fotografia 5 – Planta com a doença vassoura de bruxa.



Fonte: Souza (2012).

A solução encontrada para tentar minimizar essa devastação foi descoberta pela ciência. A Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacauzeira (CEPLAC) vem desenvolvendo tecnologias que consistem na clonagem da planta, como o enxerto de um fruto em outro.

Este órgão foi criado em 20 de fevereiro de 1957 e em dezembro do mesmo ano dava início às suas atividades no sul da Bahia. É um órgão federal de natureza autárquica e tem como objetivo promover o desenvolvimento da agricultura e o crescimento do nível de vida das regiões produtoras de cacau do Brasil. Surgiu como resultado das reivindicações dos produtores de cacau. (BARBOSA, 1981, p.106).

A CEPLAC é um órgão que faz parte do Ministério da Agricultura e tenta, com outras instituições, criar alternativas para a cacauicultura em crise no município, buscando desenvolver práticas de exploração agrícolas com conceitos de inovação. O grande desafio é que a atividade seja lucrativa para o produtor sem precisar derrubar a mata.

É importante esclarecer que a decadência na produção do cacau no Brasil se deu também por outros fatores, além da vassoura de bruxa. A concorrência com outros países, que eram favorecidos com um clima igualmente propício para o cultivo desse fruto e a falta de investimentos na área, foram motivos fortes para a queda na produção. Somando-se a isso, observa-se que devido à falta de preocupação em se estabelecer uma transferência satisfatória por parte dos produtores de cacau a seus herdeiros, no sentido de repassar os conhecimentos para as próximas gerações que evidentemente iriam administrar o cultivo do fruto, propiciou uma má condução dos negócios, portanto, colaborando para a diminuição da produção (PINTO, 2012, informação verbal)³

O cacau criou uma civilização no sul da Bahia, um patrimônio, uma identidade histórico-cultural determinada pela atividade agrícola. Mas não criou na população o senso de administração e gestão desses recursos, o que viria a ser um dos pilares do malogro da monocultura do cacau não só na micro-região (...) em toda a região cacauífera. (ORLEY, 2008, p.15).

O Brasil já foi o maior produtor de cacau do mundo e, mesmo com a diminuição da produção cacauífera, este ainda é um produto muito procurado e valorizado, principalmente para a fabricação de um dos mais procurados derivados do cacau: o chocolate.

2.3 OS DERIVADOS DO CACAU

³ Informação adquirida em entrevista concedida por Maria Joaquina Moura Pinto, ex-representante da diretoria da Associação Baiana de Turismo Rural (ABATUR) em 24 de outubro de 2012.

Um dos principais e mais conhecidos derivados do cacau, o chocolate, passou a ser usado pelos maias, que até escreviam sobre o cacau nas suas cerâmicas. Além desse povo, os astecas, considerados uma civilização desenvolvida no século XVI, também localizada no México, contribuiu para um maior consumo deste derivado.

Portanto, a história do chocolate ainda como bebida começa há alguns séculos atrás, quando estas civilizações antigas (astecas e maias) tinham como crença a veneração por um deus nomeado *Quetzalcoatl*. Para estes povos, esse Deus teria trazido as sementes de cacau do céu, utilizadas para fazer o chocolate (forma líquida) além de servir como moeda de troca.

As sementes dos frutos do cacau permitiam que os povos já mencionados, como também os ameríndios, as utilizassem para preparar uma manteiga. A esta manteiga eram acrescentados outros ingredientes como urucum, cogumelos considerados alucinógenos, frutas e milho verde. Estas preparações, acrescentadas ao chocolate, resultavam em uma bebida por vezes apreciável; porém, em muitos casos, medicamentosa. Isso pode ser observado quando Flandrin e Montanari (1998, p.614) afirmam que “os conquistadores acharam essa beberagem muito amarga e picante [...]”.

O chocolate não era, nesse período, igual ao que se conhece hoje. No início, era um alimento até mesmo desprestigiado por quem o experimentava. Essa realidade começou a mudar quando os espanhóis conquistaram o México e acabaram se tornando apreciadores da bebida, buscando assim aperfeiçoar seu preparo com adição do açúcar, até então mistura desconhecida pelos povos antigos.

Com a adição do açúcar, a bebida se tornou mais apreciável, especialmente devido ao desenvolvimento de cana de açúcar na região do México. O sucesso da nova preparação fez com que os espanhóis transformassem o beber chocolate em moda, monopolizando esse produto que só depois passou a ser difundido pela Europa, onde se instalaram fábricas.

No século XVIII, o chocolate tornou-se cada vez mais conhecido na Europa e não cessaram de aumentar as importações de sementes de cacau na América. Na Jamaica, desde 1660, os ingleses fizeram algumas plantações; a mesma operação foi desencadeada pelos franceses na Ilha São Domingos. No entanto, a Venezuela continuou sendo o principal fornecedor da Europa, em particular para os melhores cacaus; novas plantações foram

feitas, tais como a de Chuao em 1649 [...]. (FLANDRIN; MONTANARI, 1998, p.617).

Novas técnicas foram sendo aperfeiçoadas na fabricação do chocolate. As indústrias começaram a surgir na França, Amsterdã e Suíça, onde foi construída a primeira chocolateria em Vevey, precedendo muitas outras como Tobler e Nestlé, que incrementaram leite ao chocolate. Com isso, o chocolate passa a ser conhecido não mais com seu antigo formato, mas sim em forma de tabletes sólidos. (FLANDRIN; MONTANARI, 1998, p.616).

O reconhecimento do chocolate como apreciável pela sociedade trouxe também um incremento às plantações de cacau existentes em diversos países como Brasil, Equador, África, entre outros. Assim, o cacau passou a ser um fruto cada vez mais conhecido no mundo, passando a despertar a curiosidade das pessoas em saber sobre suas características técnicas, suas formas de cultivo e suas peculiaridades.

É necessário entender que a industrialização do cacau, atualmente, não é realizada por apenas um produtor. As sementes secas chegam até o local de transformação do cacau em pasta de cacau, manteiga de cacau e o cacau em pó. Isso ocorre da seguinte forma: estas são misturadas e formam diferentes combinações, de acordo com seu uso final. Em seguida, viram uma casca triturada e grãos duros por meio de uma força centrífuga. Estas cascas e grãos são separados e torrados, adquirindo uma cor mais escura, desprendendo um aroma de chocolate durante a torração ou depois dela. Depois, os grãos torrados são moídos para formar uma substância viscosa chamada pasta de cacau, produto básico para todos os estágios mais avançados da fabricação de produtos a base de cacau. Se essa pasta de cacau for submetida a uma pressão muito alta, a manteiga de cacau (que representa mais da metade da pasta) é forçada a sair, produzindo uma massa dura de cacau. A parte líquida da manteiga de cacau é purificada e armazenada ainda em forma de líquido, em tanques, com temperatura controlada como blocos sólidos. A massa de cacau que forma o resíduo é esmagada virando pedaços que são armazenados. Depois, esses pedaços são pulverizados para se obter tamanhos diversos de grãos. Quanto mais fino for o cacau em pó, mais quente ele fica durante o processo. E antes de ser empacotado ele passa por espirais de resfriamento. (NORMAN, 1995).

Como se pode perceber, a pasta do cacau é o ingrediente básico para todas as formas de chocolate, porém necessita de muita manipulação e adições antes de chegar ao comprador.

Primeiramente, ela é misturada com uma grande quantidade de açúcar - na proporção de 40 a 60%, dependendo do uso final que se deseja dar ao produto - e com aromatizantes como baunilha ou leite em pó para produzir o chocolate com leite. Essa mistura passa por um laminador, que reduz a substância grumosa a uma massa achatada, lisa e fina. (NORMAN, 1995, p.20).

No processo seguinte, o chamado “concheamento”, são utilizadas pás giratórias em grandes tonéis e acrescenta-se mais manteiga de cacau à mistura até se alcançar a consistência necessária. O líquido quente formado é resfriado até chegar à temperatura apropriada para se modelar o chocolate.

Até esse momento foi exposto um histórico sobre o chocolate e o conseqüente preparo deste para se compreender as minuciosas características que o cacau estabeleceu, desde a sua preparação por meio do manuseio, e as etapas que a semente do cacau passa até a formação do chocolate tal como se conhece atualmente. Muitos investidores já descobriram a importância dessa cultura e o quanto esta retrata a geografia local e a história, envolvidas em um processo gastronômico que possibilita o estabelecimento do chocolate como produto.

Do fruto do cacaueiro começa a se industrializar também o suco de cacau, a partir da extração da sua polpa. Com a polpa de cacau pode-se ainda fazer geleias, destilados finos, fermentados – a exemplo do vinho e do vinagre – e xaropes para confeitos, além de néctares, sorvetes, achocolatados, manteiga, doces e uso para iogurtes. Há também as formas mais variadas de cosméticos, usados em salões de beleza. Atualmente, os derivados do cacau são consumidos de várias formas, em quase todos os países, e fazem parte da vida do homem moderno.

3. CACAU: UM FRUTO CULTURAL

A relevância de se ter até o momento contextualizado o tema com a explanação sobre o município de Ilhéus, o cacau e seus derivados, começa a ser entendida a partir deste terceiro capítulo. Nesse momento, busca-se apresentar o cacau como um atrativo cultural para que se inicie a análise da relação deste tema com o turismo.

3.1 UM PATRIMÔNIO CULTURAL

Segundo o Ministério do Turismo (BRASIL, 2005, p.13): “Turismo Cultural compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura”.

A cultura do cacau na região de Ilhéus tem na sua história um grande significado para a construção da identidade ilheense. Houve uma grande miscigenação cultural desde a introdução dessa cultura em Ilhéus devido ao número de estrangeiros que se instalaram no local e a presença dos povos autóctones, como os indígenas, que ali já viviam. “Nem sempre nesse caldeirão étnico as relações eram pacíficas. Com relação aos indígenas, além das pequenas revoltas, confrontos, resistências e fugas, há notícias de duas grandes revoltas: a de 1558, conhecida como ‘a batalha dos nadadores’ e a de 1602”. (GMUNDER, 2012, p.100).

De acordo com Avila (2009), a valorização do modelo turístico de sol e praia e do litoral como espaço turístico, comumente aplicado no Brasil, e a desvalorização do brasileiro em conhecer a sua história e sua cultura, evidencia a preocupação em investir em ações de desenvolvimento do turismo cultural para que este passe a ser importante, não só pelo prazer em desfrutá-lo, mas também pelo conhecimento adquirido para quem o procura.

Os turistas culturais, como nicho de mercado, formam um tipo particular de pessoa, geralmente com alto nível de consciência ambiental, com visão politicamente ampla e com interesse por culturas diferentes [...] Em geral, não compram *suvenires*, pois preferem artesanato, cujo processo de produção procuram conhecer na maioria dos casos. (DIAS, 2006, p.36-37).

As relações sociais que se desenvolveram a partir do cultivo do cacau, de forma a atrair muitas pessoas, possibilitando a diversidade étnica, é outro fator que chama atenção dos turistas que se interessam em visitar a cidade de Ilhéus e suas plantações de cacau. A história do plantio desse fruto está ligada ao aspecto de interação entre os povos já existentes na região e os novos investidores no cultivo dessa cultura. Assim, o sucesso da economia do cacau incentivou as ligações interétnicas na região, servindo atualmente também como atratividade para o turismo. Nessa perspectiva, o turismo cultural busca atrair visitantes com o intuito de, através da cultura local e do patrimônio cultural, promover o desenvolvimento do lugar (ORLEY, 2008, p.97).

Portanto, o interesse das pessoas em conhecer locais influenciados pela história ou até mesmo curiosas para conhecer um pouco do passado é um exemplo de turismo histórico-cultural. Este segmento exerce um papel educativo, ampliando e consolidando o conhecimento construído, de forma a ter o seu ponto culminante no contato direto da pessoa com o seu interesse particular, seja este um monumento arquitetônico, um sítio arqueológico, uma dança ou, na perspectiva deste trabalho, a simbologia do cacau para Ilhéus. Quando se fala em cultura, está se falando também da alma de um povo, de tudo que ela representa para este.

Turismo histórico-cultural é um tipo de turismo que tem nos recursos provenientes de heranças patrimoniais de referencial cultural/histórico tais como monumentos, obras de arte, documentos e manifestações tradicionais os seus atrativos principais, capazes de atrair pessoas, gerando deslocamentos e permanências temporários. (BAHL, 2003, p. 158).

Outro elemento relevante para a construção da cultura de um local é o seu patrimônio. O patrimônio é a essência do turismo cultural, pois confere importância a algo que representa a identidade local, representando o povo, revelando suas peculiaridades e que é transmitida de geração em geração. E são estas peculiaridades de um povo que o turismo utiliza como produto para atrair visitantes, quando a cultura é propriamente a motivação da viagem. “O turista cultural é movido pelo desejo de conhecer particularidades [...], principalmente aquelas manifestações distintas das suas e pouco comuns em seu cotidiano.” (AVILA, 2009, p. 21).

Aquele que se dispõe a visitar um local, busca vivenciar situações que não lhe são normalmente possíveis de viver. Quando se observa um turista viajando para conhecer a história de um local observa-se que para ele é interessante não só ler a respeito de tudo que aconteceu naquele local, mas sim, viver um pouco da história daquele local apreciando materiais antigos, histórias contadas por quem realmente viveu ou tem parentes que viveram aquele momento, tornando a “viagem” ao passado mais real possível.

O patrimônio cultural simboliza a identidade cultural de uma comunidade, seja qual for a sua dimensão: local, regional ou nacional. O patrimônio cultural é a expressão mais explícita da identidade de uma comunidade cultural, pois, ao se identificarem com aquele, os membros do grupo social se filiam a um mesmo agrupamento, compartilham significados e símbolos. Essa é uma importante característica do patrimônio cultural, facilitar a construção da identidade cultural no processo de socialização. (DIAS, 2006, p.50).

A identidade cultural e regional de Ilhéus resulta de complexas misturas étnicas. O turismo cultural que surgiu por conta dessa identidade, incorpora autenticidade, promoção e serviços de hospitalidade nessa atividade que, em se tratando desta região, poderia ser melhor desenvolvido, considerando-se o potencial que o local oferece. Sua principal forma de divulgação pode ser atribuída às obras de Jorge Amado, um dos escritores brasileiros mais lidos do mundo.

3.2 JORGE AMADO

É impossível falar de cacau e Ilhéus sem citar o escritor baiano Jorge Amado (1912 - 2001), uma figura que divulgou e ainda divulga, através de suas inúmeras obras literárias, a cidade de Ilhéus e seus encantos. Natural de Itabuna e filho de fazendeiros de cacau, publicou seu primeiro romance aos 19 anos e se formou em direito pela Faculdade Nacional de Direito, no Rio de Janeiro. Com seus trabalhos, ganhou muitos prêmios e seus romances foram traduzidos em diversas línguas, fazendo com que o Brasil, e mais especificamente a Bahia, ficassem conhecidos no mundo.

Em Ilhéus, onde o escritor morou na infância e adolescência, cenário da obra mais famosa do chamado ciclo do cacau de Jorge Amado, tudo faz lembrar a morena Gabriela e os personagens do romance. Publicado em 1958, *Gabriela, Cravo e Canela* mistura fatos e personagens reais com a imaginação do autor no retrato sem pudores do conservadorismo dos coronéis, escancarando a hipocrisia da alta sociedade da época. Na ocasião do lançamento, o livro foi uma bomba na cidade, ainda comandada pelos coronéis do cacau, e o escritor foi declarado *persona non grata*. Mas é engraçado e encantador ver como, até hoje, a polêmica de seus livros e personagens estão vivos nas ruas da cidade. (ILHÉUS..., 2012)

Jorge Amado, reverenciado em Ilhéus (Fotografia 6), divulgou em seus escritos como foi desenvolvido o cultivo do cacau no município, principalmente no que diz respeito às relações que se desenvolveram na época, muitas vezes de submissão aos coronéis das fazendas que detinham o poder.

Fotografia 6 – Estátua de Jorge Amado localizada no centro histórico da cidade.



Fonte: Villanueva (2012).

Todos os romances deste escritor se mostram detalhistas no sentido de descrever perfeitamente os locais em que as cenas se passam e, na perspectiva que aqui interessa, as fazendas de cacau e as peculiaridades que ali se passaram no período de auge do cultivo do fruto.

- Quantas arrobas você já desceu?
- Vinte mil.
- Antônio Barriguinho, o tropeiro, pegou do último saco.
- Esse ano o home colhe oitenta mil...
- Cacau como diabo.
- Dinheiro pra burro (...). (AMADO,1987, p. 9).

Amado publicou dois livros de sua autoria sobre o cacau, “Terras do sem fim” (1943) e “São Jorge dos Ilhéus” (1944). Nestas obras, ele conta toda a história do cultivo do cacau desde o seu auge até o momento de declínio com o surgimento da vassoura de bruxa, fungo que destruiu grande parte da produção na época. O segundo livro é uma continuação do primeiro, portanto, nota-se o quanto Jorge Amado mencionou em suas obras sobre o cacau. Ao autor não foi interessante apenas o auge, porém escrever sobre o declínio da cultura. Segundo Amado (1987, p. 25), em seus escritos, “O capitão João Magalhães conta que leu nos Jornais sobre a praga nos cacauais do Equador. A safra do Equador se perdera inteirinha”. Neste trecho, o escritor descreve o período em que a vassoura de bruxa se instalou nas plantações e o declínio do cultivo.

Peguei minha trouxa e saí. O cacau nesse ano começara a cair e não estava muito fácil arranjar trabalho. Eu batera em várias partes sem resultado.

- Não há serviço.

A resposta dançava junto dos meus ouvidos. No dia em que saí da pensão de D. Coleta andei atrás de serviço. Os coronéis recusavam. A safra ainda não começara e havia fartura de trabalhadores. E olhavam para mim como para um inimigo que os fosse roubar. (AMADO,1987, p.26).

E, assim, Jorge Amado retratou em seus contos a vida do trabalhador nas fazendas e suas preocupações, desde o auge até o declínio da produção. Detalhando as fazendas e seu cotidiano, Amado abre os olhos e fortalece a curiosidade de quem lê seus romances. Dessa forma, o imaginário sobre o cacau e suas fazendas, relatado pelas obras do autor, que posteriormente se transformaram também em novelas e filmes, inspiram as pessoas que desejam conhecer Ilhéus.

4. FAZENDAS DE CACAU: DO CENÁRIO DE JORGE AMADO AO TURISMO RURAL

Diante da análise da importância do escritor Jorge Amado sobre a divulgação que este proporcionou a respeito do cacau, pode-se neste momento chegar ao objetivo final deste trabalho. Pretende-se fazer uma relação de tudo que se levou em consideração sobre a cidade de Ilhéus, a influência de Jorge Amado e o cacau sob a perspectiva do turismo.

4.1 TURISMO RURAL

No presente estudo, considera-se o turismo como um complexo e diversificado fenômeno social, político, cultural e econômico, que pode ser colocado sob diversos critérios de classificação e que trabalha com diversos tipos de serviços. Este engloba todos os processos que são percorridos, desde a escolha do destino, o transporte utilizado, da chegada até a saída do turista.

Sem dúvida, o turismo de sol e praia ainda é um dos maiores motivadores para o turismo, mas nem todos os viajantes procuram os mesmos atrativos turísticos. Dependendo do perfil de cada um, do tipo de personalidade, tipo de trabalho, tipo de escolaridade, a sua cultura e a sua visão de mundo, diversos fatores podem influenciar na escolha do destino turístico. E é por isso que existem tantos segmentos no turismo.

O turismo engloba várias áreas, portanto, um só conceito não é suficiente para explicá-lo. O conceito de turismo foi sendo desenvolvido ao longo dos tempos. Desde os primórdios dessa atividade surgiram vários pesquisadores que começavam a escrever sobre esta área.

A partir daí, começam a surgir as definições sobre o tema e, atualmente, a Organização Mundial do Turismo o conceitua como:

O turismo compreende as atividades que realizam as pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes ao seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios ou outras. (OMT, 2001, p.38).

Existem alguns elementos em comum na maioria dos conceitos que alguns estudiosos citam, como o deslocamento obrigatório de turistas fora do seu lugar de origem; a estada que é determinada em um certo período de tempo e não permanente; o prazer que a viagem proporciona; o turismo que compreende tanto a viagem até o destino como as atividades realizadas durante a estada e a atividade não lucrativa da visita (BADARÓ, 2003).

O turismo pode ser visto de várias formas, pela visão de quem viaja e de quem prepara toda essa viagem, ou seja, a indústria turística conta com vários prestadores de serviços.

Sobre o turismo rural, conceitualmente, o Ministério do Turismo descreve que é um “Conjunto das atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, comprometidas com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade”. (BRASIL, 2005, p.49)

Sabe-se que o turismo é uma atividade abrangente, portanto, é um fenômeno de entendimento diversificado. Por conta disso, remete-se ao assunto questões sobre cultura, história, dentre outros temas, que podem ser relevantes quando se fala em turismo. Por isso, o turismo se utiliza de segmentos para estabelecer maior foco sobre determinados mercados. A esse processo chama-se segmentação do turismo, discussão relevante para o tema em questão. “Em outras palavras, a segmentação é justificada com o pretexto de atingir maior eficiência na oferta de produtos que atendem a demanda identificada e maior eficácia em termos de custo no processo de marketing”. (MIDDLETON, 2002, p.117)

O segmento que se busca analisar neste estudo é o turismo rural.

O turismo rural organizado como atividade econômica inicia-se em Lages (Santa Catarina – região sul), na fazenda Pedras Brancas, em 1984. Foi constituída uma Comissão Municipal de Turismo que apoiou um estudo sobre a procura potencial do turismo rural, o qual sustentou o lançamento de um projeto piloto que obteve sucesso e abriu caminho à emergência de um novo produto na oferta turística brasileira. (RODRIGUES, 2001, p. 79).

Neste trabalho o turismo rural é apresentado por conta das fazendas de cacau que buscam trabalhar com um público que tem o interesse em conhecer a rotina rural de uma fazenda de cacau e também a história do fruto mencionado nos romances de Jorge Amado. Nestas fazendas, os turistas têm o interesse em reviver os tempos áureos das plantações, conhecendo a história através da exposição dos móveis antigos das famílias dos poderosos coronéis da época. Nestas visitas, as pessoas entram em contato com todo o processo em que se deu a produção de cacau na época, desde o conhecimento do tipo de solo propício para tal, o período do auge e também o declínio do cultivo.

O interesse por essa modalidade (Turismo Rural) surge na confluência de dois fatores que consideramos fundamentais: de um lado, o crescimento da população urbana que se concentra em áreas metropolitanas densamente povoadas; de outro, a necessidade de inovar as necessidades econômicas no meio rural, o qual tem passado por rápidas e visíveis mudanças. (RODRIGUES, 2001, p.7)

O turismo rural, nessa perspectiva, possibilita a utilização dos espaços das fazendas para demonstração, com a presença de um conhecedor da história – geralmente o dono da fazenda – da estrutura do local, do espaço da produção – no caso, o cacau – além da degustação de algum derivado do fruto, que pode ser o suco ou o chocolate.

Os estudos do turismo rural no Brasil ainda são escassos, não tendo acompanhado o ritmo de crescimento desse segmento. O turismo rural é caracterizado por grande complexidade, ambivalência e polissemia, a começar pela falta de consenso na sua conceituação, e até mesmo pela confusão em torno da concepção contemporânea dos qualificativos rural e urbano. (RODRIGUES, 2001, p.8)

Em relação ao turismo rural nas fazendas em Ilhéus, a vassoura de bruxa, doença que atacou os cacauzeiros, não trouxe apenas prejuízo para os fazendeiros, trouxe também alguns desafios e novas possibilidades. Muitos dos donos de fazenda desenvolveram outras atividades para não perderem totalmente sua renda. Passaram a cultivar outras plantações, e também a aproveitar suas fazendas para roteiros turísticos, já que a curiosidade de como era extraída a amêndoa do cacau era grande entre os visitantes da cidade (AMORIM, 2012, informação verbal)⁴

Sabe-se que o turismo rural é um dos segmentos do turismo que vem sendo implantado na região de Ilhéus por alguns fazendeiros de cacau. Isso porque muitos

⁴ Informação fornecida por Virgílio Costa de Amorim, dono da Fazenda Primavera, em visita à sua fazenda localizada na estrada Ilhéus-Itabuna em 28 de junho de 2012.

visitantes se interessam em conhecer as fazendas conservadas do local, que dão a possibilidade desses turistas reviverem os tempos áureos das plantações, conhecendo a sua história através da apreciação dos móveis antigos presentes nestas fazendas.

É o turismo praticado em áreas rurais (fazendas, sítios ou chácaras) para proporcionar aos visitantes a oportunidade de participar das atividades próprias da zona rural, como: andar a cavalo, ordenhar vacas, passear de carroças, tomar banho de cachoeira e caminhar pelos campos. (OLIVEIRA, 2002, p.87).

Com isso, percebe-se a integração da cultura e do turismo. A partir do momento que o turista visita as fazendas, buscando saber sobre a história local, neste momento há uma integração entre o cultural e o rural como uma nova atividade. A visita às fazendas repletas de histórias tornou-se um importante atrativo, valioso para os proprietários, que vêem no turismo um futuro promissor, e enriquecedor também para os turistas, que saem com um maior conhecimento sobre essa cultura.

4.2 FAZENDAS: UM ATRATIVO TURÍSTICO

Durante o Seminário Estadual para o Desenvolvimento Sustentável do Turismo Rural na Bahia⁵, com o tema Perspectivas para o Desenvolvimento do Turismo Rural na Bahia, onde foram discutidos alguns pontos fundamentais sobre o que seria um conceito amplo deste segmento. Os pontos destacados, para considerar que tal turismo seja realmente rural, foram: que todas as atividades de visitação sejam desenvolvidas fora do ambiente urbano; a existência de uma infraestrutura local que reúna hospedagem, gastronomia, atividades com a natureza, hábitos interioranos, oferta de artesanato e outros produtos locais; a integração com a comunidade local, seus costumes e atividades produtivas e o uso controlado dos recursos naturais, que também são muito importantes para o desenvolvimento da atividade.

⁵ Realizado em 9 de maio de 2008, em Salvador.

Como se pode perceber, o turismo rural assemelha-se ao conceito de turismo sustentável de base local, pois se desenvolve em um ambiente em que é necessário que haja a preservação da natureza justamente para que essa mesma atividade se estabeleça de forma sustentável. Assim, alguns conceitos específicos foram criados para que a visitação às fazendas seja considerada como turismo rural. Primeiramente, estas fazendas precisam ser produtivas, ou seja, ter algum tipo de atividade agrícola ou pecuária no local; ter a participação ativa dos proprietários; oferecer programações de lazer em contato com o ambiente natural como cavalgadas, passeios de charrete, visitação a lagos, trilhas, permitir ao visitante contato com animais, degustar frutas e descansar em contato com a natureza. E, por último, que o turismo seja uma fonte de renda secundária.

Foi exposto pelo Ministério do Turismo no seminário já citado que, de modo geral, os turistas desse segmento apresentam um perfil característico como, por exemplo, serem moradores de centros urbanos, possuindo entre 25 e 50 anos, comumente casais com filhos. São pessoas com formação superior (maioria pós-graduada) e classe média alta que deslocam-se geralmente em automóveis próprios ou vans em um raio de até 150km do núcleo emissor, fazendo viagens de curta duração (finais de semana e feriados).

Observa-se que esse tipo de visitante possui elevado nível de consciência a respeito das questões ambientais, portanto, valorizam a natureza e os produtos autênticos e artesanais da região, assim como constituem-se em apreciadores da gastronomia típica regional.

Estudos realizados pela Bahiatura mostraram que na área em que se situa o Recôncavo Baiano, existiam muitos proprietários que já trabalhavam com a ideia de turismo rural, mas que ainda não estavam organizados para realizar o turismo de fato, pois eram apenas pessoas que comercializavam seus casarões. A Associação Baiana de Turismo Rural (ABATUR) já possuía os seus associados, mas estes também não estavam organizados para atuar nesse segmento de forma efetiva.

Diante desse cenário, em 2007, a Bahiatura realizou uma oficina com proprietários de fazendas e a ABATUR para apresentar algumas diretrizes sobre como trabalhar com o turismo rural, fazendo com que estas propriedades disponham de certa infraestrutura e conforto para seus visitantes, dando exemplos de fazendas

no Rio Grande do Sul que já são referência em turismo rural. Após esta etapa, foi criada a Câmara Técnica de Turismo Rural⁶ composta pelo setor público, privado, associações e pessoas ligadas ao segmento do turismo rural. Sua intenção também foi montar um catálogo com todas as fazendas ligadas ao segmento e fazer a promoção destes lugares como destinos turísticos (GONÇALVES, 2012, informação verbal)⁷.

A partir deste momento, é necessário reafirmar que o foco deste trabalho são as fazendas com produção ativa de cacau e que começam a atentar para uma segunda fonte de renda, que se aproveita da sua característica natural de relação com esse produto, mostrando seu passado.

Através de uma entrevista realizada na Bahiatursa, foram levantadas algumas fazendas de cacau situadas na região do município de Ilhéus que realizam o turismo rural como uma segunda fonte de renda, que seriam: Yrerê, Recreio, Riachuelo, Almada, Provisão, Ouro Verde e Primavera. Porém, por meio de pesquisa de campo realizada em Ilhéus, verificou-se que apenas três fazendas efetivamente fazem o chamado turismo rural, são elas: Primavera, Yrerê e Provisão, sendo que a fazenda Almada está se inserindo aos poucos no turismo rural⁸.

Uma das pioneiras no turismo rural em Ilhéus, a Fazenda Primavera produz cacau desde 1822 e foi uma sesmaria doada pelo rei de Portugal à família de Virgílio Amorim, seu atual proprietário. É ele quem recepciona os turistas, dando uma aula de história (ILHÉUS..., 2004, p.7). Na visita, que pode durar de duas a quatro horas, é apresentando um pequeno museu dentro da propriedade, onde são guardados documentos raros, dentre eles o da doação da sesmaria a seus ancestrais portugueses e alemães, assim como alguns objetos e móveis que foram usados na gravação da novela *Renascer* (1993) da Rede Globo.

O roteiro também inclui passeio de charrete (Fotografia 7) e cavalo, começando pela roça de cacau e passando por todas as etapas de beneficiamento

⁶ A Universidade do Estado da Bahia (UNEB) também faz parte.

⁷ Informação concedida em entrevista por Divaldo Borges Gonçalves, chefe de setor da Diretoria de Serviços Turísticos da Bahiatursa, no dia 2 de outubro de 2012, em Salvador.

⁸ Deve-se esclarecer que, destas quatro, apenas a fazenda Provisão não foi visitada, pois o foco foi dado apenas às outras três fazendas de cacau citadas, pois não houve tempo suficiente para a visita.

dos frutos e das amêndoas, o processo de fermentação e a secagem nas barcaças⁹. Parte das sementes é aproveitada na confecção de chocolates caseiros.

Fotografia 7 – Passeio de charrete.



Fonte: Fernandez (2012).

O custo de cada passeio é cinquenta reais por pessoa, incluindo o transporte em uma van que busca os turistas em suas respectivas hospedagens. A divulgação desses pacotes é feita nestes mesmos hotéis, através de panfletos, e nas agências de viagens da região.

O diferencial da fazenda Primavera está na forma como é apresentada a fazenda. Além de oferecer ao turista as informações sobre o cultivo e a possibilidade de entrar em contato com a natureza, também é permitido, através de informações verbais e visuais (fotos, documentos, móveis antigos), conhecer o passado da região e principalmente da fazenda.

A segunda propriedade visitada foi a Fazenda Yrerê. Assim como todas as fazendas de cacau observadas na região, esta também possui uma tradição histórica de vários anos.

⁹ Local onde secam as amêndoas de cacau.

Essa fazenda era uma sesmaria, doada em 1728 pela colônia portuguesa, para a família Wase. Nós adquirimos há 15 anos atrás de herdeiros dessa família. Era uma área muito grande, e com o tempo essa área foi sendo, por conta de herança, cortada, hoje é uma fração do que era a sesmaria. São 11km de extensão, ela é estreita mas é comprida. Todos tinham que ter acesso a estrada (MARQUES, 2012, informação verbal)¹⁰.

Em entrevista concedida pelo dono da mesma, Gerson Marques¹¹, ele conta que esta é uma fazenda que está aberta a visitação há seis anos, trabalha com *day use* e conta com a divulgação no Guia 4 Rodas e outros guias internacionais. Eles têm no turismo uma fonte de renda que é complementar, porém, atualmente propicia mais lucro do que a produção do cacau.

O turismo rural na fazenda Yrerê ocorre através de parcerias com agências de receptivo de Ilhéus.

Nós iniciamos com os navios, principalmente com os navios Costa e MSC. É um turismo sazonal, principalmente de novembro a março, com a temporada de navios. Além disso, a gente recebe os turistas que estão hospedados em hotéis, até mesmo o turista que está passando na cidade. (...) Fora dessa época a procura é muito baixa, 1 ou 2 grupos por mês, grupos de 1 casal ou 1 família (MARQUES, 2012, informação verbal).

Chegando à fazenda, é o próprio dono – ou um trabalhador da fazenda capacitado como guia – que recepciona os turistas na entrada (Fotografia 8 e 9).

Fotografia 8 – Entrada da Fazenda Yrerê.



Fonte: Villanueva (2012).

¹⁰ Vale mencionar que os trechos de entrevistas aqui transcritos, e que encontram-se na íntegra nos apêndices, foram mantidos o mais fieis possíveis à gravação, retratando a forma como o próprio entrevistado falou, utilizando-se do discurso coloquial.

¹¹ Gerson Marques, dono da fazenda Yrerê, localizada no quilômetro 11 da rodovia Jorge Amado (Ilhéus-Itabuna) em 16 de outubro de 2012.

Fotografia 9 – Indicação de entrada da fazenda.



Fonte: Villanueva (2012).

Pode-se dizer que a linguagem usada por muitos desses guias é uma linguagem rústica, de trabalhador rural, o que torna o passeio mais característico. Em seguida, são levados para um quiosque (Fotografia 10) onde a visita se inicia com a narração de uma breve história sobre a fazenda e sobre o cacau.

Fotografia 10 – Quiosque de recepção.



Fonte: Souza (2012).

Posteriormente, os turistas são encaminhados para uma trilha no meio da mata, onde são apresentados aos cacauzeiros e degustam o fruto.

O cacau é a única agricultura no mundo que é plantado à sombra, plantado na floresta. No início planta bananeira para o cacau novo e depois planta árvores que vão crescer mais e vão ser a sombra para o futuro cacau. Usa muito a eretrina, às vezes jaqueira, mangueira. Então a gente mostra estes aspectos na roça de cacau (MARQUES, 2012, informação verbal).

Neste processo, os turistas têm a possibilidade de entrar em contato com a natureza, tendo seus sentidos estimulados através da visão, do olfato, do tato e da audição no momento em que observam as plantas e o cacau; sente-se o cheiro, toca-se na amêndoa do cacau; ouve-se o barulho de animais, como pássaros.

O resultado é mexendo com esses sentidos, é com o paladar, o olfato, como olhar, e eles adoram, ficam impressionados, fotografam, ficam encantados. São coisas simples, tudo é motivo de curiosidade, os nossos guias são orientados para ir mostrando isso. Tem que considerar que 90% desses nossos clientes são urbanos. Ele mora em Londres, Paris, São Paulo... São pessoas que vão ver bicho pela primeira vez, às vezes. Na volta a gente leva ali na barcaça (Fotografia 11), então, sempre tem cacau ali exposto, para que eles possam sentir o cheiro forte do cacau e degustar a amêndoa do cacau seco, que já tem sabor de chocolate amargo. Muitos, os brasileiros principalmente, têm aquela informação da novela, o pisoteio de mexer no cacau, adoram fotos pisoteando o cacau (MARQUES, 2012, informação verbal).

Fotografia 11 – Barcaça com amêndoas.



Fonte: Souza (2012).

A divulgação é feita nos hotéis e dentro dos navios, além do Guia 4 Rodas, e das agências de Ilhéus que trabalham com receptivo. Algumas citadas foram a agência Encantur, a maior de Ilhéus; e a LR Turismo, que é de Salvador; Bicho do Mato e a Órbita, que são agências de Ilhéus.

Quando tem grupos em hotel, eles ligam. A gente recebe e é o mesmo sistema, funciona pra todos iguais, às vezes a gente recebe com almoço. Um grupo de 20 pessoas que querem almoçar uma comida diferente e tal. São serviços diferenciados que a gente também pode fazer. Tem situações de alugar a fazenda para eventos, são serviços paralelos (MARQUES, 2012, informação verbal).

Ao terminar o passeio pela trilha, tendo mostrado o cultivo do cacau, os turistas são encaminhados à casa sede (Fotografia 12). Nesta casa, são mostrados móveis antigos, o artesanato local presente em decorações e, dependendo do pacote oferecido, é fornecido café da manhã e almoço com comidas típicas da região.

Fotografia 12 – Casa sede.



Fonte: Villanueva (2012).

Tendo já observado o potencial da fazenda para o turismo, o proprietário adquiriu a mesma com a intenção de trabalhar com este segmento, sem abandonar o cultivo do cacau. O fato do dono ter sido consultor do Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), diretor da Empresa Municipal de Turismo de Ilhéus

(ILHEUSTUR) e presidente do Instituto de Turismo de Itacaré fez com que ele tivesse conhecimento de que havia um nicho de mercado voltado para o turismo rural.

O turismo rural, ele é uma das muitas modalidades de turismo, aqui é o chamado turismo de natureza. Em Ilhéus a oferta era muito pequena, e do mesmo jeito que a gente gostaria de conhecer uma fazenda de uva no Rio Grande do Sul, eles também têm interesse em conhecer uma fazenda de cacau. A fazenda de cacau, ela é muito romanceada, por Jorge Amado (MARQUES, 2012, informação verbal).

Em relação à lucratividade do segmento, Gerson Marques expõe que o lucro em turismo acontece em escala, ou seja, é mais propício o turismo rural com grupos, tornando-se assim mais rentável. Esta afirmação parece óbvia, já que é notável que quanto mais pessoas, maior o lucro. Porém, em se tratando de turismo rural, em muitas fazendas este trabalho é voltado para grupos muito reduzidos, podendo ser chamados de grupos particulares.

De acordo com proprietário, 70% dos turistas que visitam a fazenda são provenientes de cruzeiros que aportam em Ilhéus. E compram um dos vários pacotes que são oferecidos nas agências. O outro tipo de turista é o de hotel, aquele que visita a fazenda de cacau motivado mais pela curiosidade, porque viu novela ou leu um livro de Jorge Amado.

A maioria que vem são estrangeiros. Mesmo os brasileiros, a grande maioria deles já viajou para o exterior, tem um nível cultural em média mais elevado, um nível financeiro em média padrão de classe média alta, vem por curiosidade, vem porque são normalmente ou chocólatras, ou querem saber onde começa o chocolate, vem porque já leram Jorge Amado... Então tem muito turista que vem, especialmente do exterior, e tem turista que vem pra adquirir conhecimento sobre agricultura, como é que planta cacau, como é uma roça de cacau, como funciona, o que é que faz pra colher cacau. Aí você vai descobrir que o cara é plantador de soja, plantador de arroz, é um agricultor que vem com interesses em agricultura, que vem conhecer. Então, tem vários perfis, mas o que predomina mesmo é o turista de turismo rural. O nosso produto, a gente oferece um conhecimento sobre o cacau. Então o turista, ele chega aqui, é recebido lá no portão, é guiado. Aqui ele tem uma pequena conferência, que sou eu, o seu Zé, que é o nosso guia oficial, vai fazer uma palestra para eles sobre o cacau, a história do cacau (MARQUES, 2012, informação verbal).

A procura por esses pacotes, só não é maior porque, segundo o proprietário, o fluxo de turistas em Ilhéus é muito baixo. Para melhorar a infraestrutura da fazenda e, conseqüentemente, torná-la mais atrativa para o turismo, o empresário pensa em abrir um restaurante, um orquidário e uma loja para venda de chocolate e artesanato. O custo atual para cada passeio é de quinze reais por pessoa.

Quando os pacotes dos cruzeiros Costa (Costa Marina e Costa Fortuna, que são da mesma companhia) oferecem incluso o café da manhã, cobra-se por esse serviço a taxa de 20 reais por pessoa. Nesse caso, é servido um café com comidas típicas do nordeste. Marques (2012, informação verbal) relata que “a empresa traz eles aqui (...). Saem do porto e, normalmente, é um passeio que está casado: um *city tour* no centro da cidade, uma visita aqui na fazenda de cacau, uma visita à CEPLAC, uma visita à fábrica de chocolate caseiro (...)”. Também existem aqueles turistas que vão somente para a fazenda de cacau. Para isso, pegam um táxi no porto e deslocam-se diretamente até a fazenda.

De fato, somente três fazendas estão efetivamente inseridas no mercado de forma a investir e lucrar com o turismo. Observa-se que ainda não se tem uma quantidade relativa de propriedades com o mesmo objetivo de alavancar o mercado turístico neste segmento. Ao contrário das fazendas anteriormente apresentadas, que têm seus pacotes para passeios vendidos já há algum tempo pelas agências da região, observou-se propriedades rurais que ainda não se organizaram para iniciar e desenvolver esse segmento de turismo.

De acordo com dados levantados em pesquisa de campo e entrevista realizada com a proprietária Elizabeth Lima¹², a fazenda Almada é um exemplo dessas fazendas que têm o potencial e também possuem interesse de se inserir no mercado do turismo rural, porém não encontram estímulo, por falta de apoio do poder público e de uma maior integração com os proprietários de outras fazendas para expandir este segmento que é incipiente na região de Ilhéus. No entanto, esta fazenda recebe pequenos grupos, mesmo não praticando um turismo regular.

A fazenda Almada foi fundada em 1855. É uma propriedade que está sob direção da mesma família, mantendo a tradição cacauera por várias gerações. De acordo com Lima (2012, informação verbal): “Era uma sesmaria. No começo era engenho de açúcar, aí logo depois começou o cacau”. A propriedade tem preservado sua arquitetura e os móveis antigos (Fotografia 13), dos tempos do esplendor da cultura do cacau. Nesta fazenda é possível encontrar uma biblioteca com livros antigos, documentos e fotos que ilustram a história do fruto e da região.

¹² Elizabeth Gomes de Cerqueira Lima, proprietária da fazenda Almada localizada próxima à cidade de Uruçuca em entrevista concedida no dia 17 de outubro de 2012.

“Essa fazenda aqui foi comprada por José de Cerqueira Lima e, depois, ele teve um filho chamado Pedro de Cerqueira Lima, e a minha filha é a sexta dona da Almada” (LIMA, 2012, informação verbal).

Fotografia 13 – Móveis antigos.



Fonte: Villanueva (2012).

A propriedade abriga também um projeto de preservação do mico leão da cara dourada. Nesta área de preservação existem pesquisadores alemães que se instalam na fazenda para trabalharem em prol da preservação desse animal. Existe também uma preocupação com a conservação da mata atlântica, pois a fazenda está rodeada por esta vegetação e pelo rio Almada, que passa ao lado da propriedade.

A fazenda nunca possuiu uma senzala, pois, segundo a proprietária, os escravos moravam em casas que são preservadas até hoje, onde atualmente vivem funcionários e lavradores. Casa de farinha, barcaças para a secagem do cacau (Fotografia 14), e um enorme tacho de ferro de antigos indígenas decoram a paisagem da Almada.

Fotografia 14 – Barcaças da Fazenda Almada.



Fonte: Souza (2012).

Em relação à infraestrutura, a Almada possui a casa sede, onde são apresentados aos visitantes móveis antigos em todos os quartos, objetos de aproximadamente duzentos anos, área de lazer com piscina abastecida com água natural da represa que passa pela fazenda (Fotografia 15), e uma varanda.

Fotografia 15 – Área de lazer da Fazenda Almada.



Fonte: Souza (2012).

Nos arredores, observou-se uma capela e uma grande variedade de animais, dentre eles patos, vacas, bois, equinos, galinhas, pássaros, entre outros. Junto a esse cenário, um lago completa a paisagem (Fotografia 16).

Fotografia 16 – Paisagem ao redor da fazenda.



Fonte: Souza (2012).

A fazenda possui uma ativa produção de cacau e busca, além disso, complementar a sua renda com o turismo rural. Em análise do que foi exposto pela proprietária da Almada, percebeu-se que a mesma pretende iniciar um turismo rural diferenciado. Isso significa que o que é almejado não é um turismo de massa, mas um turismo voltado para um grupo seletivo, em relação ao qual acredita-se que possua um perfil diferenciado de forma a obter uma consciência de preservação da propriedade em questão, da natureza e de entendimento da mesma. Em relação à divulgação da fazenda para o turismo rural, a proprietária acredita que:

Não tem divulgação... Eu acho que não tem divulgação nem da cultura do cacau, apesar da gente ter aí o maior deles todos que foi o Jorge Amado, mas depois disso não teve mais. Aí foi comemorado os 100 anos de Jorge Amado, porque foi o único, um dos maiores escritores baianos com um legado maravilhoso, conhecido mundialmente, e Ilhéus é esquecida (LIMA, 2012, informação verbal).

A divulgação é de suma importância, pois é através desta que a cidade pode ser promovida turisticamente. Podem ser considerados importantes agentes atuantes desta promoção, as agências de viagem e o *trade* turístico.

4.3 BASTIDORES DO TURISMO RURAL: TRADE TURÍSTICO

Para melhor análise de como se encontra o turismo rural ligado ao cacau no município de Ilhéus, buscou-se entrevistar o que se considera como “bastidores do turismo”, que são as agências. Através destas, pode-se mensurar o fluxo de turismo da região, especificamente o rural, para melhores considerações a respeito do tema aqui discutido.

As agências que foram entrevistadas localizam-se na cidade de Ilhéus e, a partir das entrevistas concedidas, todas forneceram um parecer similar sobre o turismo rural na região. Foram elas: Encantur¹³, Órbita¹⁴ e Easy Turismo¹⁵, que fazem o turismo de receptivo da região.

Quando o tema turismo na região foi questionado, as agências declararam que há algum tempo atrás o turismo era melhor. Atualmente, Ilhéus tem sido um “ponto de passagem” dos visitantes que vão para Itacaré (localizada a 60km de distância). Isso faz com que os turistas cheguem à cidade e permaneçam por pouco tempo, conhecendo apenas o centro histórico que, devido a seu tamanho, permite uma rápida visitação.

De modo geral, as agências entrevistadas trabalham com passeios rurais para as fazendas de cacau Yrerê, Primavera, Almada e Provisão. Estas fazendas localizam-se no município de Ilhéus e possuem semelhante forma de trabalhar com o turismo. Em média, os passeios são comercializados por valores em torno de cinquenta a sessenta reais. Porém, a Órbita, por apresentar um atendimento particular, apresenta um valor mais elevado, em torno de cento e noventa reais (por

¹³ João Alves de Araujo Vianna Neto, coordenador de receptivo da agência Encantur, entrevistado no dia 16 de outubro de 2012.

¹⁴ Luciane Coelho, receptivo da agência Órbita Turismo, entrevistada no dia 16 de outubro de 2012.

¹⁵ Cléa Serra Müller, assistente administrativa da agência Easy Turismo, entrevistada no dia 16 de outubro de 2012.

casal). As empresas trabalham com esses passeios em média há seis anos, geralmente desde quando iniciaram no mercado turístico.

A divulgação dessas empresas acontece por meio de *folders* em hotéis, feiras e propaganda feita de forma verbal. Elas declaram que a divulgação poderia ser melhor, pois a oferta de passeios ainda é pequena, apesar da demanda de pessoas interessadas no segmento ser considerável. Geralmente, o perfil das pessoas que procuram o turismo rural é de turistas provenientes de capitais, casais com filhos e que buscam um ambiente tranquilo e contato com a natureza.

Em relação à oferta de serviço, as agências fazem o *transfer* dos turistas dos hotéis até as fazendas. Durante o caminho, os guias que acompanham explicam um pouco da história do cacau e da região.

Os aspectos negativos evidenciados por parte das agências englobam a preferência dos turistas pelo turismo de sol e praia, a falta de profissionalismo no turismo e, principalmente, o desinteresse do poder público com o segmento. Sobre este último ponto, observou-se uma predominância, pois efetivamente não foram identificadas durante a pesquisa ações voltadas para o turismo rural na região do cacau.

De acordo com Divaldo Gonçalves, chefe do setor na Bahiatursa, já citado anteriormente, foi a partir do final de 2007 que a Bahia iniciou um projeto com o intuito de fazer uma análise do potencial para se estabelecer o turismo rural na região. Através de um convênio entre o SEBRAE e a Bahiatursa buscou-se identificar um possível local para se estabelecer o turismo rural e colocar em prática esse plano, ou seja, a ideia era criar um simulacro do que já ocorria em outras regiões, estudando as possibilidades para que desse certo em outros locais definidos.

Foi feito um estudo e identificado que no Recôncavo existia uma área com potencial para o turismo rural e muitos proprietários que já estavam trabalhando com este segmento não estavam organizados, tendo havido uma resistência muito grande por parte dos próprios proprietários em relação ao projeto da Bahiatursa/SEBRAE. Portanto, houve um recorte no Recôncavo Baiano, para que se fizesse esse plano inicial, podendo assim, expandir a ideia para a Bahia inteira, um

plano piloto. Diante desse recorte, foram identificadas fazendas propícias para o desenvolvimento do turismo rural. Contudo, o projeto encontrou duas dificuldades principais. A primeira, como já dito, relacionava-se com a resistência dos donos dessas fazendas; a segunda, era a associação ABATUR, que não estava fortalecida.

A Associação Baiana de Turismo Rural (ABATUR) começou suas atividades junto com esses proprietários, então, ainda não tinham associados suficientes para mantê-la. Esta vinha buscando junto à Bahiatursa um fortalecimento, para que pudesse implantar o turismo rural na Bahia. Segundo o entrevistado, foi feito um mapeamento das propriedades e os proprietários foram convocados para fazer uma oficina que visava apresentar como é trabalhar com turismo rural. E alguns casos de sucesso – como o Rio Grande do Sul – que possuem o turismo rural forte foram trazidos para mostrar a forma como eles trabalham, para disseminar essas experiências para a Bahia.

Simultaneamente a esta iniciativa, foi criada a Câmara Técnica do Turismo Rural, composta pelo setor público, privado, associações, instituições e pessoas que são ligadas ao segmento do turismo rural. Foram realizadas reuniões periódicas em que se trabalhava as pendências, isto é, o que estava faltando para que, efetivamente, fosse possível desenvolver, divulgar e promover o turismo rural. Uma ideia era elaborar um catálogo para a promoção do turismo rural, porém, como algumas fazendas estavam com problemas estruturais – como acesso difícil, sem sinal para telefone celular, sem energia – precisava-se de um mínimo de infraestrutura. Com isso, observou-se que muitas pessoas achavam que estavam trabalhando com o turismo rural mas, na verdade, existia uma diferença entre turismo rural e turismo no meio rural.

Muitas propriedades eram fazendas que não produziam nada, apenas por terem sido construídas em meio rural, afirmavam que praticavam o turismo rural. Conforme visto anteriormente, do ponto de vista da segmentação do turismo rural, elas não estariam adequadas. Por isso, foi preciso realizar um seminário e mostrar o que é turismo rural de fato. Os empresários entenderam e começaram a trabalhar dessa forma. Algumas fazendas já trabalhavam corretamente, pois já possuíam esse perfil; algumas começaram a se adaptar, porém, outras não conseguiram, e precisaram iniciar na atividade a passos lentos.

As organizações, apoiadas pelo poder público, como é o caso da Bahiatursa e da Secretaria de Turismo do Estado da Bahia, começaram a trabalhar em cima dessas propostas de adequar as fazendas ao turismo rural para desenvolver um catálogo que pudesse ser levado à Feira do Turismo Rural que acontece em São Paulo. Em 2011 conseguiu-se fazer o catálogo com algumas fazendas que já estavam catalogadas, ou seja, com aquelas que foram analisadas e identificadas como propriedades que realmente poderiam ser consideradas aptas para trabalhar com o turismo rural.

Segundo o parecer de Paulo Moreira da Secretaria de Turismo de Ilhéus (SETUR)¹⁶, a grande maioria dos turistas que chega até Ilhéus procura o turismo de lazer “pela gastronomia, pelas praias, pela história, pela cultura, pela história de Jorge Amado” (MOREIRA, 2012, informação verbal). Sobre as fazendas, ele afirma que existem apenas duas na região na estrada Ilhéus-Itabuna – uma é a fazenda Yrerê e a outra a fazenda Primavera – além da CEPLAC, que atuam com o turismo rural e que possuem mínima estrutura para receber turistas, por estarem em área asfaltada e perto da beira da estrada, o que facilita a visitação e a venda dos pacotes.

Nós temos duas fazendas que fazem um bom trabalho de receptivo, principalmente de navios que chegam aqui. Nós recebemos em média de 30 a 150 mil turistas s  de cruzeiros marítimos que aportam em Ilhéus, que visitam o que tem de atrativo na cidade (MOREIRA, 2012, informa o verbal).

De acordo com o Secretário, o turismo rural ainda   muito incipiente na região, devido   precariedade das estradas que dão acesso às propriedades rurais. Por ser um município muito grande, a má conserva o das estradas e o desgaste por conta das chuvas no local são os motivos que mais prejudicam o andamento do turismo. “Isso necessitaria de uma a o do Estado, do Município, elas estão praticamente abandonadas.” (MOREIRA, 2012, informa o verbal).

Ao ser questionado se existem parcerias com a Bahiatursa, este assegura que em rela o ao turismo rural não existem a es próprias, somente parecerias, como eventos para a promo o da cidade. E, em rela o ao turismo rural, este afirma que:

¹⁶Entrevista concedida por Paulo Moreira, Secretário de Turismo de Ilhéus, em 17 de outubro de 2012.

É aquele turismo que se agrega valores no sentido de você estar voltado principalmente para a agricultura e pecuária. Aonde você pode ter exposições de gado, de animais em geral, você pode estar em contato com a fauna, com a flora. Tem hotéis e pousadas que seriam voltadas para isso, nesse segmento. E as pessoas que vão acordar pela manhã, vão dar caminhada na mata, ver os animais, ter esta convivência, isso que a gente entende por turismo rural (MOREIRA, 2012, informação verbal).

O turismo rural no município de Ilhéus tem sido trabalhado há cerca de seis anos. Seu desenvolvimento na região se deu principalmente em função dos cruzeiros marítimos que aportavam ali e seus turistas, por curiosidade, se interessavam em conhecer as terras onde se planta o cacau e a história dos coronéis. Juntamente com a visitação às propriedades, existe a preocupação de oferecer outros atrativos associados, como a visitação à CEPLAC e às fábricas de chocolate caseiro que, segundo Paulo Moreira, são três na região.

Questionado em relação ao marketing e a forma como é feita a divulgação desse tipo de turismo, ele afirmou que não há divulgação deste segmento, pois como mencionado anteriormente, não existe oferta suficiente, nem estrutura adequada para receber os turistas – apesar da demanda ser crescente, e cerca de 12% dos turistas que visitam a cidade apreciam a visitação às fazendas. Não existe uma preocupação estratégica do poder público em investir neste mercado. Contudo, para ele: “É um dos segmentos do turismo mais importantes, e nossa região é propícia a isso, porque você tem o que mostrar, você tem uma história, uma cultura” (MOREIRA, 2012, informação verbal).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do trabalho, foi apresentada uma perspectiva de como se deu o início da produção de cacau na região de Ilhéus. Para isso, foi necessário partir de uma visão geral da região, sua localização e características, fazendo uma explanação sobre sua arquitetura e atrativos turísticos. Dando continuidade, demonstrou-se a importância do fruto cacau, tanto no aspecto econômico como elemento cultural. Para isso, partiu-se da origem do fruto no mundo e sua chegada em Ilhéus, apresentando seu período de expansão e posteriormente explicando a praga vassoura de bruxa, que assolou as plantações e até hoje ainda destrói o cultivo.

Aproximando-se efetivamente do objetivo da pesquisa, foi explicitado como o cacau ainda faz parte da cultura do local, sua importância e sua divulgação através da literatura de Jorge Amado, evidenciando o aspecto cultural do cacau. Para isso foram englobados os temas patrimônio, turismo histórico-cultural e identidade local.

No último capítulo, foi conceituado o turismo rural, que permite ao turista reviver a história e o cenário rural da produção do cacau, tornando-se uma atividade geradora de renda. Isso porque, a problemática da pesquisa é a relação do cacau com o turismo no município de Ilhéus, tendo-se as fazendas como elemento fundamental nesta dinâmica. Foram destacadas três fazendas, sendo que duas já praticam efetivamente o turismo rural e uma que está tentando entrar no ramo. Todas têm potencial para ingressar no mercado, porém, encontram as mesmas barreiras, que são: a falta de organização entre os fazendeiros e o desinteresse do poder público, demonstrando a incipiência deste segmento do turismo que, apesar de possuir uma demanda considerável, ainda carece de uma estrutura apropriada que propicie uma oferta desejável de serviços associados e fundamentais à sua consolidação. Por conta dessa carência, o turismo local não é essencialmente motivado pelo turismo rural, pois se observa que este é apenas uma modalidade complementar atualmente ligada aos cruzeiros e ao turismo de sol e praia.

Apesar dos visitantes não pernoitarem nas fazendas, segundo o conceito do Ministério do Turismo, já citado anteriormente no quarto capítulo, a visitação às

fazendas é considerada como uma atividade turística voltada para o segmento rural, pois atrai turistas através da venda de pacotes e é desenvolvida em meio rural onde existe a produção agropecuária.

De acordo com o que foi observado no decorrer da pesquisa, a presente análise aponta que alguns dos empecilhos para o melhor aproveitamento das fazendas são: visão empreendedora deficitária dos fazendeiros; falta de capacitação profissional para o turismo e a pouca importância dada pelo setor público ao turismo em geral na cidade de Ilhéus, apesar de existirem ações (como mencionado anteriormente por parte da Bahiatursa), não existe uma articulação própria para o desenvolvimento do turismo rural no que se refere ao planejamento da atividade.

A pouca visão empreendedora por parte dos proprietários das fazendas é um entrave que prejudica o turismo rural. A visão que se tem é de concorrência, e não de integração e cooperação entre as propriedades, no sentido de se organizarem como um roteiro, ou seja, oferecendo atividades rurais complementares como, por exemplo, iniciar uma visita em uma fazenda e ter a possibilidade de conhecer outra durante o restante do dia. Não tendo apenas um único destino, o turista não se sente preso a apenas uma visita, tendo a possibilidade de ter outras opções durante o passeio.

Em relação àqueles que ainda não estão inseridos de fato no segmento, esta falta de integração se dá por conta do medo e desconhecimento do seu próprio potencial. Os proprietários têm pouca visão de mercado, imaginando que a sua propriedade não possui potencial para o turismo e deixam de investir, o que é necessário para crescer. E para aqueles que já praticam o turismo, a não integração com as agências de viagem algumas vezes ocorre por medo de ter um lucro menor com a venda de passeios, fato que também implica na expansão da atividade.

A pouca capacitação profissional para o turismo também é um problema, pois a falta de conhecimento de outras línguas e a pouca informação dos agentes que trabalham com o turismo sobre a existência destas fazendas, dificultam a divulgação. A falta de acesso e conhecimento sobre as fazendas pela própria população mostra a pouca importância que se dá a este segmento na região, pois se observa que a maioria dos visitantes em busca deste tipo de turismo é composta por

estrangeiros ou pessoas vindas de outros estados e capitais que precisam de informações básicas sobre os atrativos da localidade.

Em relação ao setor público, se referindo ao turismo de uma forma ampla, percebe-se grande desinteresse. A maioria dos entrevistados afirmou que a cidade está mal cuidada, as estradas que dão acesso às fazendas estão sucateadas, não há uma preocupação em se criar novos roteiros para propiciar uma permanência de tempo maior dos turistas na região. Ilhéus está sendo considerada uma cidade “portuária”, isto é, apenas um ponto de passagem para Itacaré, já que não tem uma infraestrutura equivalente à sua potencialidade turística.

Além das questões anteriormente citadas, existe também a exploração do turista em relação aos serviços prestados. O alto preço cobrado por hotéis, restaurantes e taxistas no centro da cidade é citado como motivo de preocupação, pois faz com que o turista, se sentindo explorado, não queira retornar ao local, ou acaba por fazer uma má divulgação da região.

Finalmente, retomando o objetivo geral da pesquisa, que foi analisar o potencial para a utilização do cacau como atrativo para o turismo rural no município, confirmou-se, em parte, a hipótese apresentada. A hipótese referida afirmava que o cacau, por ser um elemento histórico e cultural da região, através das fazendas, propicia o desenvolvimento do turismo rural no município de Ilhéus, possibilitando aos visitantes um conhecimento sobre a rotina rural, o fruto e seus derivados. Porém, apesar de se ter observado que essa atividade do turismo tem como motivação o aspecto cultural do cacau, este segmento “nasceu” da tentativa de se reerguer da crise cacaueira. Por conta disso, este turismo ainda não é um turismo tão desenvolvido, pois surgiu numa perspectiva de improviso. Observa-se que não há uma organização suficiente para o desenvolvimento do turismo rural no que se refere ao cacau.

Assim, pode ser visto que as fazendas entrevistadas possuem um potencial para o turismo, mas não encontram um apoio suficiente daqueles que geram o turismo na região. Para Ilhéus conseguir um desenvolvimento turístico sustentável, é preciso melhorar primeiramente as condições básicas da cidade.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Cacau**. Rio de Janeiro: Record, 1987.

AMORIM, Virgílio Costa de. Proprietário da Fazenda Primavera. **Entrevista concedida às autoras**. Ilhéus, 28 jun. 2012.

AVILA, Marco Aurélio (org.). **Política e planejamento em cultura e turismo**. Ilhéus: Editora da UESC, 2009.

BADARÓ, Rui Aurélio de Lacerda. **Direito do Turismo: História e legislação no Brasil e no exterior**. São Paulo: SENAC, 2003.

BAHIA. **Costa do Cacau**. 2012. Disponível em: <<http://www.bahia.com.br/destinos/costa-do-cacau>>. Acesso em: 02 out. 2012.

BAHL, Miguel (org.). **Turismo: enfoques teóricos e práticos**. São Paulo: Rocca, 2003.

BARBOSA, Carlos Alberto Arleó. **Notícia histórica de Ilhéus**. Rio de Janeiro: editora Cátedra, 1981.

BLITZ CONQUISTA. **Mapa de Ilhéus**. 2012. 1 fotografia. Disponível em: <<http://www.blitzconquista.com.br>>. Acesso em 27 nov 2012.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Segmentação do turismo: marcos conceituais**. 2005. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/turismo/o_ministerio/publicacoes/cadernos_publicacoes/14manuais.html> Acesso em: 22 nov. 2012.

COSTA, Aline de Caldas; DA SILVA, Dyala Ribeiro; SANCHES FILHO, Saul Edgardo Mendes. **Fazendas de cacau na ficção amadiana: registros fotográficos e interesse turístico**. Ilhéus: [s.n.], 2004.

COSTA, José Fialho. **Conjuntura cacaeira do sul da Bahia**. Salvador: [s.n.], 1992.

CUENCA, Manuel Alberto Gutiérrez; NAZÁRIO, Cristiano Campos. **Importância econômica e evolução da cultura do cacau no Brasil e na região dos tabuleiros costeiros da Bahia entre 1990 e 2002**. Sergipe: Embrapa, 2004.

DIAS, Reinaldo. **Turismo e patrimônio cultural: recursos que acompanham o crescimento das cidades**. São Paulo: Saraiva, 2006.

FERNANDEZ, Jamile. **Passeio de charrete**. 2012. 1 fotografia.

FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. **História da alimentação**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

GALETI, Paulo Anestar **Conservação do solo**: reflorestamento, clima. Campinas: Instituto Campineiro de Ensino Agrícola, 1972.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

GMUNDER, Ulrich (org.). **Metamorfoses do cacau**. Salvador: Instituto Cultural Brasil-Alemanha (Goethe-Institut), 2012.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa tipos fundamentais. **Revista de administração de empresas**. São Paulo, p. 20-29, maio/jun 1995, n. 3, v. 35.

GONÇALVES, Divaldo Borges Gonçalves. Chefe de setor de turismo rural da Bahiatur. **Entrevista concedida às autoras**. Salvador, 02 out. 2012.

GRAMACHO, Ivan da Costa Pinto et al. **Cultivo e beneficiamento do cacau na Bahia**. Ilhéus: CEPLAC, 1992.

HEINE, Maria Luisa. **Passeio na capitania de São Jorge dos Ilhéus**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, 2002.

HISTÓRIA de Ilhéus. **Ilhéus Amado**. [S.l.]. Disponível em:

<http://www.ilheusamado.com.br/?page_id=1213> Acesso em 13 nov. 2012.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Ilhéus, Bahia**. 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=291360>>. Acesso em: 02 out. 2012.

ILHÉUS de cacau, cravo e canela. **O Globo**. Ilhéus, 12 fev. 2004. Caderno Boa Viagem, p. 7-15.

ILHÉUS de Jorge Amado. **Estadão**. Notícias. São Paulo, 31 jul. 2012. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,ilheus-de--jorge-amado-,908485,0.htm>> Acesso em: 27 set. 2012.

LEVANON, Yehuda; ROSSETINI, Stela Maria Ovinhas. Cacau. In: AQUARONE, Eugenio. **Biotechnologia industrial**. São Paulo: Blucher, 2001.

LIMA, Elizabeth Gomes de Cerqueira. Proprietária da fazenda Almada. **Entrevista concedida às autoras**. Ilhéus, 17 out. 2012.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 7ª Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARQUES, Gerson. Proprietário da fazenda Yrerê. **Entrevista concedida às autoras**. Ilhéus, 16 out. 2012.

MIDDLETON, Victor T.C. **Marketing de turismo**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

MOREIRA, Gilselia Lemos. A produção do espaço mercadoria: de espaço do consumo ao consumo do espaço: a cidade de ilhéus no circuito da troca após a

ressignificação do turismo. **XII Simpurb: Ciência e Utopia.** Simpósio Nacional de Geografia Urbana: Belo Horizonte, 2011.

MOREIRA, Paulo. Secretário de Turismo de Ilhéus. **Entrevista concedida às autoras.** Ilhéus, 17 out. 2012.

MOTA, Keila Cristina Nicolau. **Marketing turístico:** promovendo uma atividade sazonal. São Paulo: Atlas, 2001.

NORMAN, Jill. **Chocolate.** São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1995.

OLIVEIRA; Antonio. **Turismo Rural.** São Paulo: Atlas, 2002.

OMT. Organização Mundial do Turismo. **Introdução ao Turismo.** São Paulo: Roca, 2001.

ORLEY, Germano Silva. **O desenvolvimento local e a micro região de Jitauna - Bahia:** educação e turismo como alternativas ao coronelismo e a monocultura cacauzeira. Universidade Salvador: Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional e Urbano, 2008. (Dissertação de Mestrado).

PINTO, Maria Joaquina Moura. Ex-representante da diretoria da associação baiana de turismo rural. **Entrevista concedida às autoras.** Salvador, 24 out. 2012.

PRESERVE o verde: invista em Ilhéus. **Ilhéus 2000.** Ilhéus, 1999. Edição comemorativa 465 anos. p. 10-16, jun.

RANGEL, Jefferson F. (ed.). **Instituto Interamericano de Cooperação para Agricultura.** Brasília: CEPLAC, 1982.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri (org.). **Turismo rural.** São Paulo: Contexto, 2001.

SOUZA, Aline Oliveira. **Amêndoas de cacau.** 2012. 1 fotografia.

_____. **Área de lazer da fazenda Almada.** 2012. 1 fotografia.

_____. **Barcaça com amêndoas.** 2012. 1 fotografia.

_____. **Barcaças da fazenda Almada.** 2012. 1 fotografia.

_____. **O cacau.** 2012. 1 fotografia.

_____. **Paisagem ao redor da fazenda.** 2012. 1 fotografia.

_____. **Planta com a doença vassoura de bruxa.** 2012. 1 fotografia.

_____. **Quiosque de recepção.** 2012. 1 fotografia.

TOREZANI, Juliana Nascimento. **Internet, cultura e turismo**: o patrimônio arquitetônico de Ilhéus em sites informativos de turismo. Universidade Estadual de Santa Cruz, 2007 (Mestrado em Cultura e Turismo).

VILLANUEVA, Daniela Belissa Silva. **Bar Vesúvio**. 2012. 1 fotografia.

_____. **Casa sede**. 2012. 1 fotografia.

_____. **Entrada da fazenda Yrerê**. 2012. 1 fotografia.

_____. **Estátua de Jorge Amado localizada no centro histórico da cidade**. 2012. 1 fotografia.

_____. **Indicação da entrada da fazenda**. 2012. 1 fotografia.

_____. **Móveis antigos**. 2012. 1 fotografia.

APÊNDICE A – Entrevista com Maria Joaquina Moura Pinto. Ex-representante diretoria da Associação Baiana de Turismo Rural (ABATUR).

Nome: Maria Joaquina Moura Pinto (Marita)

Cargo/Função: Ex-representante diretoria da Associação Baiana de Turismo Rural (ABATUR).

Data da entrevista: 24/10/2012

O entrevistado autorizou a divulgação dos dados coletados na entrevista e assinou consentimento: (X) sim () não

Transcrição de entrevista

Marita: Nós temos um problema lá naquela região, dificuldades que existem, e isso não tenha dúvida, reflete em todos os aspectos, inclusive no problema do cacau, e com qualquer alternativa em relação a isso. O problema da disseminação do cacau, é uma outra questão, e são habilidades esparsas e não foge disso, o turismo, e realmente ficam aquelas atividades esparsas, as pessoas ainda não acreditam nisso, e aí a falta de iniciativa, reflita nisso, se ninguém começa... Embora a Bahiatursa através da Abatur tenha criado uma forma de melhorar e agregar, eu consegui fazer há 2 anos, 2 seminários, 2 mesas redondas sobre turismo rural, o primeiro foi muito interessante, onde nós conseguimos agregar lá em Camacan várias pessoas interessadas de vários lugares, produtores de cacau que estavam interessados nisso, ou em relação a uma pousada ou em relação a algo *gourmet*. Tem pessoas, por exemplo, em laúba, as pessoas têm prêmios em relação ao chocolate, e eles estão pretendendo e estão interessados em desenvolver essa parte em relação ao chocolate, e resto são habilidades esparsas. Eu fui uma das pioneiras lá, desde 1993, com a crise do cacau. Eu tenho uma fazenda de cacau, em Camacan na BR 101.

Aline: E já trabalha com o turismo rural?

Marita: Olha, sinceramente não mais. Nós começamos muito neste intuito, oferecendo às pessoas que passam ali, mas nunca criamos, porque na verdade, o que ocorre é o seguinte, que não existe ainda uma estruturação. Se você não fizer um roteiro, mas infelizmente nós não temos ainda, uma coisa que se tornasse propícia para ser trabalhada e se tornar um produto, falta de coisa, não é. Inclusive lá em Camacan, tem um lugar que é a terceira coleção de mariposas individual do mundo, que a gente poderia agregar isso para as pessoas fazerem uma visita, tem uma ligação direta. E muitas outras coisas.

Aline: E essas cidades próximas têm a proposta de turismo rural?

Marita: Tem, tem sim, por exemplo, Canavieiras fica a 93km de Camacan, e é um lugar fantástico, inclusive fez parte da novela, uma cidade antiga, a história do cacau começa em Canavieiras, e é uma cidade extremamente antiga. Tá começando ainda, se o que já existe tá assim, imagine o que tá começando. Agora há uma disposição muito grade daqueles que querem fazer, mas precisa da cadeia, que se arrumem, se coloquem, muita coisa, muito esparsa a informação.

Daniela: Então a senhora tem dados da receita de toda essa região?

Marita: Tenho.

Daniela: Porque o que nos interessa mesmo é a região do município de Ilhéus.

Marita: Eu não sei se de Ilhéus eu tenho. A parte ligada à própria cidade, não tem muita infra estrutura. Agora é interessante, quando você chega lá no sul, é a maior movimentação de turismo de chocolate, e só tem 1 pé de cacau. O cara faz dinheiro grosso, com fábrica de chocolate. Agora é que se começa a tatear essa questão da produtividade, da industrialização do cacau. Fazer assim agrega mais ao valor do cacau. Agora no meu caso, por exemplo, eu sou terapeuta de família, e como a gente faz terapia de família eu tive que ir para os EUA, onde nós fizemos este trabalho. Quando eu cheguei aqui na Bahia eu quis dar continuidade a isso, quando eu fui dar continuidade, eu tinha um tio meu que foi prefeito, etc. e tal. Ele se interessou muito sobre a história da família, como eu cheguei aos primeiros avós e bisavós com a história da cidade, e aí eu fui fazer pós-graduação em turismo, cujo tema da monografia foi a cidade de Camacan. E hoje eu desenvolvo um trabalho interessante, um vídeo que fala sobre a história da cidade, e agora eu estou até preparando a história do cacau no mundo. E na pousada eu coloquei nas paredes, primeiro de tudo eu fiz em CD e distribuí para as escolas, e a coordenadora disse que foi ótimo, tinha fotografia que as crianças pequenas não tinham noção de tempo, mas com as roupas antigas tinham a dimensão com isso. E agora que eu fiz a reforma do restaurante, eu registro na parede toda a história do cacau, de um lado a história do cacau no mundo e do outro a história do cacau na cidade em placas, e com isso eu tenho um acervo muito grande de fotografias, de memorial, e inclusive livros que não tem mais. Eu coloquei na parte de memorial no site.

Hoje eu tenho em uma exposição permanente de Jorge Amado, as pessoas que vão lá olham o cacau, a história do cacau no mundo, dos maias e vou até o começo do processo da industrialização. Como na história de Camacan, eu vou até o primeiro prefeito.

Agora, infelizmente, eu consegui fazer a primeira mesa redonda, já a segunda mesa redonda, já foi lá em baixo, mas não há uma liga, falta algo que possa as pessoas acreditarem que vai dar certo e se agregarem e, na verdade, o que precisaria era um investimento mais do interior, de recursos do interior.

Aline: Que tipo de recursos?

Marita: Infraestrutura. Primeiro para a cidade, questão de saneamento, transporte pra cidade, estradas, senão não tem condições. Outra coisa também é a qualificação de pessoal. Não somente o desinteresse da população em querer melhorar de vida. Não dão educação pro povo e querem em 2 anos botar o indivíduo que é analfabeto, que não sabe nem falar português pra falar inglês ou espanhol, é um absurdo, é uma panaceia, um mundo de recursos que não vai dar em nada, o que deveriam investir em recursos para o interior. Outra coisa, mobilizar os prefeitos, porque o nível dos prefeitos, com poucas exceções, não estão absolutamente treinados, não veem isso como uma fonte de mercado de trabalho, infelizmente, que eles possam abrir mais a cabeça, pra que juntos, eles possam fazer alguma coisa que possam beneficiar sua população e seus indivíduos, mas aquela coisa também, assistêmica, cada prefeito no seu canto.

Aline: E a população e os donos dessas propriedades, têm vontade de começar com o turismo rural?

Marita: Eu não vejo, eu vejo muito poucas pessoas fazerem isso. Primeiro de tudo porque, eu acho, embora seja uma outra geração, mas a cultura do cacau, durante muito tempo, como vendia muito, as pessoas pouco exercitavam outras atividades comerciais, então eles não tinham horizonte mais aberto pra coisa, se era uma coisa que dava lucro.

Aline: E hoje em dia, ainda dá lucro, dá para se sustentar com o cacau lá?

Marita: O pequeno não, nem o pequeno nem o médio, eles estão fazendo isso. Coincidiu a crise do cacau com o processo do petróleo, resultado... Na agricultura familiar, a agricultura do cacau, eles não preparam sucessor, ao contrário da indústria, que eles passam 15 anos preparando sucessor, e na agricultura a sucessão só se faz pós morte. Então não há preparação, não há o poder de passar o cajado com antecedência e ficar na consultoria e assessoria. A pessoa não prepara, não tem uma amplitude, só herdando dívidas, que não é interessante, com dificuldade de tomar algum empréstimo. Tem fazendas que são maravilhosas, tem uma que tem até aeroporto, não tem condições de tomar empréstimo, porque estão com débitos. Então tem uma coisa econômica atravancando isso. As pessoas que estão tendo sucesso estão usando recursos de outros.

APÊNDICE B – Entrevista com Divaldo Borges Gonçalves. Chefe de setor da Diretoria de Serviços Turísticos da Bahiatursa.

Nome: Divaldo Borges

Cargo/Função: Chefe do Setor de Turismo Rural

Instituição: Bahiatursa

Data da entrevista: 02/10/2012

O entrevistado autorizou a divulgação dos dados coletados na entrevista e assinou consentimento: (X) sim () não

Transcrição de entrevista

Divaldo: Eu tenho que contar uma historinha antes até chegar à Costa do Cacau, certo? Bom, em 2007 para 2008 nós tivemos um acordo, um convênio com o SEBRAE e Bahiatursa, onde fizemos um recorte. O SEBRAE já tinha pensado em fazer junto com a Câmara Técnica e a ABATUR, que é a Associação Baiana de Turismo Rural, montar roteiros já nesse segmento do turismo rural. Só que era preciso que a gente, na verdade, reconhecesse uma região onde a gente pudesse estar trabalhando com o turismo rural, então o que foi feito? Foi feito um estudo e aí foi identificado que no Recôncavo existia uma área e muitos proprietários que já estavam trabalhando com o turismo rural, mas que ainda não estavam, assim, organizados... Então, houve uma resistência muito grande, houve um recorte no Recôncavo Baiano. Porque depois que fizesse esse plano inicial, a gente iria expandir para a Bahia inteira, isso seria um plano piloto. Bom, foi feito um recorte, a gente identificou as fazendas, só que aí a gente esbarrou em um problema que a gente não esperava, era a associação que não estava fortalecida, a ABATUR não estava fortalecida.

Aline: A ABATUR tem alguma relação com a Bahiatursa?

Divaldo: Não, a ABATUR é uma Associação Baiana de Turismo Rural. Só que ela estava começando ainda junto com esses proprietários, então não tinha associados

suficientes para manter a ABATUR e a ABATUR não estava organizada ainda para estar trabalhando com o turismo rural, ela vinha buscando, junto com a Bahiatursa, um fortalecimento, para que a gente pudesse implantar o turismo rural na Bahia. Fizemos todo esse mapeamento, chamamos esses proprietários para fazer uma oficina conosco para mostrar como é trabalhar com turismo rural, trouxemos alguns casos certos como o sul, o Rio Grande do Sul que tem, eu tive em Santa Catarina em um lugar que chama São Miguel, Urubici que é uma referência em turismo rural e é belíssimo o lugar, a forma como eles trabalham, para trazer essa experiência aqui para a Bahia. Bom, isso foi quando eu comecei a trabalhar que está inserido no tema de turismo rural.

Daniela: Então foi um programa? Tem nome esse programa? Vocês criaram um nome para isso? Para esse plano piloto?

Divaldo: Seria um segmento do turismo rural. Não teria um nome específico, seria o segmento de turismo rural na Bahia. Bom, isso criou a Câmara Técnica do Turismo Rural. Como é composta a Câmara Técnica? É composto pelo setor público, privado, associações e pessoas que estão ligadas ao segmento do turismo rural, certo? Só que isso, existiam as reuniões periódicas em que a gente tratava das pendências que estavam faltando para a gente na verdade começar a trabalhar e começar a divulgar e promover o turismo rural. Porque a nossa ideia era fazer um catálogo para fazer a promoção do turismo rural. Só que como algumas fazendas estavam com problemas estruturais, tipo, não tinha acesso, não pegava telefone, não tinha energia, então assim, o lugar é rural, mas você tem que ter o mínimo de infraestrutura... Então muitas pessoas achavam que estavam trabalhando com o turismo rural, mas na verdade existe uma diferença do turismo rural e no meio rural. Então, eram fazendas que não produziam nada, foram construídas naquele meio rural e diziam que era turismo rural. E aí nos tínhamos que fazer um seminário e mostrar o que é turismo rural, e aí as pessoas entenderam e começaram a trabalhar dessa forma, algumas fazendas já trabalhavam, já tinham esse perfil, já conheciam.

Daniela: Nessa região?

Divaldo: Sim, nessa região. Então as coisas começaram a andar, a passos lentos, mas foi indo. E aí cria-se a Câmara Técnica que começou a trabalhar em cima dessas propostas de acertar para começar a fazer um catálogo para a gente levar à

feira que acontece lá em São Paulo, a feira do turismo rural. Bom, no ano passado conseguimos fazer realmente o catálogo com algumas fazendas que já estavam catalogadas, o que quer dizer, são as que a gente diria que estariam aptas para trabalhar com o turismo rural, e aí a gente coloca algumas fazendas.

Aline: Então essa é a região do Recôncavo?

Divaldo: Sim, do Recôncavo (mostra o catálogo). Então a Bahiatura, junto com o SEBRAE, a gente consegue fazer esse catálogo para ter um produto na prateleira e dizer: “Olha a gente tem essas fazendas e trabalha”. A gente não pode se comparar com o sul porque já é mais avançado. Isso aí foi uma parte desse trabalho, então foi preciso contar essa história.

Daniela: Então como o senhor falou, é a Bahiatura, o SEBRAE e a ABATUR?

Divaldo: A ABATUR também, ela esteve presente em todo esse processo. A UNEB também que trabalhou com a ajuda da professora Francisca em uns seminários nossos, foi muito boa, deu muitas sugestões bacanas. O INCRA, com produção associada ao turismo trabalhando com assentamentos. O Banco do Nordeste, na área de financiamento para fazer o que precisava melhorar, tinham créditos para fazer o plano deles, o plano de ação. O SEBRAE, que trabalhou com capacitação e qualificação para também mudar essa coisa não só da infraestrutura, mas também da mão de obra. Porque a visão que eles tinham era uma visão mais de comercial e não de empreendedores. Como é isso? O comercial é o cara que ele está muito preocupado com o concorrente da fazenda que está ali do lado dele, ele não investe muito na questão da propaganda, ele não quer um convênio com a agência porque ele vai perder um percentual para a agência, e ele acaba perdendo o terreno e deixa de ser competitivo. E o empreendedor não, o empreendedor tem uma visão lá na frente, de futuro. Então ele vê que existe um potencial de mercado para ele, ele vê que existe um perfil de cliente para ele e isso ele vai atrás, corre atrás e investe agora para ganhar lá na frente. Então ele acha, o empreendedor, que o concorrente dele é o outro estado e não quem está no mesmo estado dele. Então a diferença é essa do comerciante. Então, os donos das fazendas, eles tinham que mudar essa visão econômica do negócio, ele tinha que colocar o negócio dele como algo que desse retorno, com uma proposta inovadora também.

Daniela: Então como vocês criaram essa proposta inovadora? Vocês viram de certa forma, achavam que era um mercado potencial o turismo rural?

Divaldo: A gente percebeu, diante das pesquisas, qual era o perfil do público que utilizava o segmento do turismo rural. Praticamente 90% eram do setor urbano, de capitais, Salvador, eram que demandavam para o campo. Então não eram turistas que vinham para Salvador, e daqui iriam viajar para as fazendas. São habitantes da capital que correm para ter essa experiência no campo, essa visita... Que morou muito tempo na fazenda e que querem mostrar aos filhos como esse ambiente é legal, então, o público alvo é a capital. Esporadicamente existe um turista que chegue à Salvador e que quer conhecer uma fazenda em um determinado lugar, um exemplo, eu quero ir para Cambial ou fazenda São Geraldo, aí viu em uma feira, viu as fotos e gostou.

Aline: O que é muito difícil, não é?

Divaldo: É, porque não é o nosso público. O que é que está faltando para a gente? Estamos precisando ter uma feira mais agressiva em Salvador, para que o baiano conheça mais o potencial do turismo rural que nós temos. A gente tinha ideia de fazer uma feira de turismo rural no shopping. Mostrando a culinária, o artesanato, que aí você tinha uma visibilidade de um público que é um potencial nosso, tinha uma chance de mostrar esse artesanato, essa culinária e todos esses motivos rurais, em um lugar urbano onde tinha um grande fluxo de pessoas e que ali você poderia divulgar os produtos do turismo rural. Essa é uma proposta da Câmara Técnica, ainda não foi descartada essa possibilidade. Outra coisa é a gente montar quiosques itinerantes em supermercados porque é um público potencial também, e ali você colocar semanalmente produtos de determinada região ou fazendas que produzem. Por que as pessoas não vão ao mercado? Não consomem? Não vão comprar doce de leite? O queijo? O requeijão, a manteiga de garrafa? Por que não vender os produtos da própria fazenda sem ter o intermediário, uma coisa bem rústica, e as pessoas pensarem, coisa de fazenda eu só compro ali. Então é um marketing que a gente tá utilizando. Então eu acho que o turismo rural na Bahia precisa de algo mais agressivo mesmo pra mostrar.

Aline: Já teve algum? Por que em São Paulo teve, né?

Divaldo: Feira aqui não. Tivemos ali no Parque de Exposições, onde teve uma exposição de gado, e aí a gente pegou uma área, montamos uma área como se fosse uma casa de fazenda e aí distribuimos folhetos de fazendas com um catálogo, com alguns produtos e tal...

Daniela: Lembra o ano? Quando foi?

Divaldo: 2010. Bom, aí em cima disso, a Secretaria de Turismo quem está à frente do turismo rural é Úrsula. Ela hoje é que está à frente da Câmara Técnica, então, todas as diretrizes do turismo rural está sendo com a Secretaria de Turismo (do Estado). Eu participo, mas a minha área de atuação é a parte da produção e promoção do produto. Na construção, a gente ajuda na opinião, criação de roteiros, como uma experiência nossa.

Daniela: Vocês criam os roteiros?

Divaldo: Na verdade, a gente não cria roteiros. São roteiros que já existem e a gente leva no consultor para estruturar esses roteiros. Torná-lo comercial, competitivo, que a agência aprove depois, que possa ser vendido, que tenha preço no mercado, que esse possa ser utilizado... Então não é um roteiro apenas que a gente faz, quando a gente pensa em um roteiro, chamamos roteiro institucional, porque a Bahiatura contrata um consultor onde a gente faz uma pesquisa de roteirização. Dentro de uma região específica vai identificar quais são os atrativos que a gente pode estar trabalhando e segmentos que pode estar dentro desse roteiro. Então pode estar o ecoturismo, o turismo rural, o turismo de sol e praia... Pode estar junto em um roteiro com vários segmentos, não específico turismo rural como acontece no roteiro do chocolate 1 e 2 que contempla as fazendas de Ilhéus.

Aline: Então tem o roteiro do chocolate?

Divaldo: Tem. A rota de chocolate divide-se em cacau do chocolate 1 e 2. São dois roteiros que ficaram grandes e que você pode estar trabalhando um com o outro. São 5 dias e 4 noites, aí você pode utilizar uma parte do roteiro 1 com uma parte do roteiro 2. Então a gente fez essa interligação como roteiro integrado porque as agências já utilizam isso tranquilamente. Você não tem aquela coisa engessada, o roteiro começa aqui e termina aqui. Porque eu acho que hoje você tem que ter criatividade e você tem que facilitar para o turista. De repente o turista esta aqui só 2

dias, então como é que pode pegar um roteiro de 5 dias e transformar ele para 2? Então eu tenho que ver o que está mais próximo de mim, menos tempo com esse turista dentro do carro, porque isso conta, porque imagine, vou conhecer dois destinos em Ilhéus em um deles passo 4 horas o outro mais duas e conheci 2 fazendas de cacau, e aí? Foi bom para o turista? Não. Então essa preocupação tem que ter também, um outro olhar de como você pode trabalhar esses roteiros e como esses roteiros podem ser trabalhados.

Daniela: Então vocês têm também essa visão para a região de Ilhéus?

Divaldo: Sim, aí vamos passar agora para Ilhéus. A minha parte, eu trabalho com Programa de Regionalização do Turismo, que são ações que o Ministério do Turismo implementa em alguns destinos de ordenamento, estruturação, desenvolvimento... E aqui no nosso setor existem alguns técnicos que são responsáveis por algumas zonas. Então eu sou o interlocutor da Chapada Diamantina, Costa do Cacau e Vale do Jiquiriçá. Qual é a minha função? Na verdade é acompanhar as ações do Ministério do Turismo, demanda para o órgão oficial do turismo que é a Bahiatursa, para que possam estar tendo uma fiscalização para que essas ações estejam sendo implementadas efetivamente. Certo? Então, o nosso papel é esse, fora isso a gente também trabalha com a parte de promoção destes destinos, uma vez que estes já estão prontos. Uma vez desenvolvidos, estruturados.

Aline: Então você promove?

Divaldo: Isso, também. Então, nós temos o Salão Nacional de Turismo. Esse ano a gente não teve e tal. Então a gente monta... Vou mostrar para vocês uma revistinha que já tem os roteiros. E, ao longo do ano, estes roteiros as agências pegam e começam a vender, tanto que a gente não tem o nome de agências, só o roteiro, a zona, o destino. Então, como interlocutor da Costa do Cacau, nós tivemos uma oficina de roteirização justamente pela necessidade de que Ilhéus era só uma cidade, um portão de entrada, um facilitador para Itacaré. Na verdade, o que chamava atenção desse turista que chegava era Itacaré, que trabalhou bem com essa segmentação deles de sol, praia e surf, um litoral bonito, de belíssimas ondas... Então criou-se um olhar dos jovens por essa região, jovens de 18 até 25 anos e isso começou a disseminar. Então Ilhéus, mesmo com sua história, com seu patrimônio

histórico, com sua culinária, ficou meio perdida no meio do tempo. E aí a gente, preocupado com isso, criamos uma oficina de roteirização que contemplasse muito mais a questão rural de Ilhéus. Claro que também teria que colocar Itacaré, mas aí já era um roteiro integrado, onde o turista teria que ficar em Ilhéus um período maior e depois poderia ir para Itacaré. Só que o objetivo do roteiro mesmo é que esse turista pudesse conhecer as fazendas, as fábricas de chocolate, evidenciar a história de Jorge Amado, o bar do Vesúvio, a catedral, tudo mais que Ilhéus tem de atrativo que é muito mais forte e significativo do que apenas pegar uma praia e voltar e perguntarem: “Você conheceu Ilhéus?”. Não, apenas passei pelo aeroporto. Então, em 2006, criamos uma oficina de roteirização onde criamos esse roteiro do cacau que era já um pedido do próprio Secretário que queria fazer alguma coisa para aquela região e aí construímos junto com a iniciativa privada, associações, os representantes, esses roteiros. Porque eles têm conhecimento da região, eles sabem exatamente o que Ilhéus tem para mostrar e o que Ilhéus precisa melhorar para estruturar para receber melhor os turistas.

Aline: E deu certo?

Divaldo: Deu certo. Estamos trabalhando roteiros que já são comercializados.

Aline: E tem essa estrutura para receber?

Divaldo: Sim, já tem. Hoje eles trabalham, tem um *Convention* que capta eventos em Ilhéus, fomentam um pouco essa demanda e esse turista quando chega lá e quando ele chega lá ele começa a utilizar esse roteiro que já foi construído. Então, nós temos algumas fazendas em Ilhéus que nós conhecemos onde elas já trabalham hoje que já trabalham tranquilamente com o turismo rural. E digo mais, são fazendas que não deixam nada a desejar em relação ao sul. Eu até anotei aqui para não esquecer os nomes: temos a Primavera que a gente já trabalha, a Recreio, Provisão, Riachuelo, Almada, que tem um diferencial que é impressionante, primeiro que ela é toda original do século XVIII, os móveis, os pratos, as taças... Você chega lá tem um almoço, um jantar, e hoje ela trabalha por enquanto com *day use*, você passa o dia na fazenda mas ela já está pensando em fazer pernoite. A Yrerê, não sei ainda, porque eles precisavam fazer modificações.

Daniela: O senhor acha que algumas pensam que estão fazendo o turismo rural, mas na verdade, só estão no meio rural?

Divaldo: Em Ilhéus não, porque o turismo rural eles produzem. Geralmente são fazendas de produção de cacau, então queira ou não, eles estão produzindo ali matéria prima para o chocolate. Então eles mesmos fazem o chocolate, servem na fazenda e vendem isso para manter a fazenda. Claro que em uma proporção menor do que era, por conta da vassoura de bruxa. O CEPLAC está trabalhando muito nisso, para diminuir essa coisa. Mas mesmo assim aí já vai para uma agricultura que eles já plantam algo para os hotéis da cidade, criam gados, têm o leite, a cocada, têm patos que vendem os ovos, então está produzindo, então a fazenda não apenas trabalha com o turismo. O turismo veio agregar valor. Isso que é o interessante no turismo rural, porque eu não quero modificar minha forma de viver, eu só quero que as pessoas venham aqui e conheçam, gostem, mas eu continuo fazendo minhas atividades do dia a dia.

Aline: O que a Bahiatursa entende por turismo rural?

Divaldo: Aí não seria nem a Bahiatursa. A gente, como órgão oficial de turismo, a gente tem junto com outras correntes que quando a gente faz um seminário desses e chama doutores em turismo rural, eles concordam que a estrutura mínima você tem que ter. A produção tem que estar ativa e a questão do turismo de experiência faz com que você queira conviver um pouco com esse turismo rural, então a galinha, o porco que o menino vai ver, o cavalo que monta, você vai ao curral tirar o leite, você vai dar um banho num curral daquele, então essa convivência.

Daniela: Então não existe uma exigência predefinida, para trabalhar o turismo rural?

Divaldo: Aí eu não sei dizer a vocês como o Ministério do Turismo classifica isso. Acho que nem pode cobrar isso porque, talvez, você tenha uma fazenda como Almada, que tem a casa grande e na casa dos donos só tem um sanitário para todo mundo. Então, como vai receber um casal? Então, se for mudar, vai ter que mudar a estrutura da casa e a intenção é não mudar nada. Pode-se criar como a Provisão fez, então a gente aconselhou que ela fizesse um restaurante com o mesmo estilo da fazenda, de madeira, um lugar mais afastado e eles criaram um lugar do lado da

casa com madeira da própria fazenda, mesas de madeiras e aquilo ficaram como se já existisse. Só que tem que ser uma modificação que traga um mínimo de impacto, que modifique o mínimo porque, queira ou não, o turismo acaba modificando. O ideal é que seja o mínimo. O turismo, quando chega à cidade, ele traz turistas, mas também traz droga, traz miséria, traz um monte de coisa. Então não é tão maravilhoso... Claro é uma economia em que pode envolver as comunidades, forcem elas a produzir para o turismo, nesse caso a produção é associada, as pessoas não estão à margem do turismo. E aí também para o turismo rural. Então aqueles empregados que trabalham na fazenda, eles produzem, mas também produzem para aqueles que chegam à fazenda sejam recebidos por uma pessoa que tenha curso de qualificação criando habilidade de trabalhar com o visitante, eles passam também por um curso para trabalharem com essa questão da culinária regional. Por exemplo, você está aqui em um hotel na Bahia, e você quer água de coco e chega à piscina o rapaz traz numa garrafinha. Você está em Ilhéus e pede um suco de cacau, aí o rapaz lhe traz o suco de goiaba. Então são detalhes que, dentro do turismo rural, você tem que ter sensibilidade para que as pessoas que cheguem nessas fazendas tenham essa sensação de que ela se remete àquele tempo da vovó que fazia aquele bolo gostoso, o café feito na hora, é um ambiente muito bom de se trabalhar.

Aline: Bom, a gente tem que fazer essas perguntas para constar.

1. De acordo com as pesquisas da SETUR/Bahiatursa, e pela sua experiência, qual seria o principal tipo de turismo praticado na região de Ilhéus?

Divaldo: Ilhéus hoje seria o sol e praia, ainda o mais forte. O ecoturismo também é muito forte. A gente tem muitas matas, turismo de aventura, estou colocando por ordem. O rural poderia botar em quarto. Infelizmente, a gente tem que falar.

3. Qual é a viabilidade e o potencial de se trabalhar com o turismo rural na Bahia? E em Ilhéus?

Divaldo: Você traz uma diversificação de oferta, mais um segmento que você pode estar oferecendo, você diversifica isso.

4. Como a SETUR / Bahiatursa está trabalhando o turismo rural na Bahia? E mais especificamente em Ilhéus?

Divaldo: A gente está trabalhando, como eu falei, fizemos essa oficina de roteirização, identificou roteiros e visualizamos o turismo rural diferenciado na região. Só que ainda é incipiente, não é algo que hoje é forte, o turismo rural... Ainda não, porque falta um *marketing* mais agressivo, o próprio município de Ilhéus vir a Salvador divulgar isso. Por exemplo, divulgar fazendas como Almada que tem uma história interessante, pois tem uma santa que tem a mão cortada. Queria mostrar que santo não protegia ninguém e aí, se cortasse a mão, não sairia sangue, aí pegou e quebrou a mão da santa, então tem a história. E tem uma Monalisa negra que, do lugar que você olhar ela na sala, está te olhando. Os lugares onde colocava o pé, não têm como você não ficar entusiasmado em ver como aquilo foi guardado por tanto tempo e está perfeito.

Daniela: E essa falta de divulgação, se deve a quê?

Divaldo: A falta de divulgação é assim, a dona da fazenda me procurou e me falou: “Divaldo, eu gostaria que você me dissesse se tenho o potencial para trabalhar com o turismo, porque eu sempre trabalhei com o cacau, mas com o turismo não”. E aí ela queria chamar a filha dela que morava em São Paulo para tomar conta da fazenda. Lá é a única fazenda que tem três americanos estudando o mico leão dourado, eles criaram um laboratório dentro da fazenda dela, pagam um dinheiro a ela para se instalarem e estudarem o mico leão dourado. A filha veio de São Paulo, começou a ficar na fazenda, se apaixonou pelo americano, ele também por ela, aí ela queria que a filha desse conta das coisas da fazendas. Aí eu acho que a mãe tem mais coisa para o negócio que a filha. Aí peguei e chamei jornalista da Espanha, EUA, França, Brasil, levei 20 jornalistas para promover a Almada, aí quando cheguei lá ela ficou assustada. A Record foi, ela ficou sem saber o que fazer, fez um jantar. A piscina dela é de água mineral, a louça tem o brasão da família, os talheres de prata. Serviu o chocolate com 70% de chocolate, não leva açúcar, conta a história da Almada, tem esses brigadeiros que ela vende... Ecoando terminou o almoço ela serviu o sorvete chocolate, ela corta o cacau e serve no cacau, todos ficaram encantados. Ela tem espada de D. Pedro II, e porque não é divulgado? Então, ela falou esse ano disso, ninguém sabia, era uma fazenda particular, alguém fala e pergunta se tem a disponibilidade. Quando eu trouxe os jornalistas, ela pecou na questão da precificação, que ela não teve. Então a gente trabalha muito com o amadorismo. Então é uma visão comerciante ainda, não pensa no futuro, no que

aquilo ali pode render de dinheiro, empreender. Agora que alguns 70% já despertaram, então a gente tá construindo esse processo de turismo rural. Acho que é um potencial que a Bahia tem, só que temos que sensibilizar para eles terem a noção do que têm na mão, está ainda desabrochando, na região de Ilhéus, aqui o potencial é maior.

Aline: Há quanto tempo o turismo rural está sendo trabalhado lá?

Divaldo: Desde 2007. Úrsula deve ter o recorte do Recôncavo. O de Ilhéus não teve esse alinhamento. Porque a gente avançou um pouco mais porque já tinha uma região, aqui no Recôncavo já tinha as fazendas distantes umas das outras, potencial. Das 20 tinham apenas 8, então as que estavam começando precisavam passar por modificações, então, ainda trabalhavam com beliche... Então, como iria receber turismo que um vai dormir em cima e outro em baixo? O empresário, ele tem que ser sensibilizado para conhecer a questão do turismo rural, como trabalhar, transformar a fazenda em rústica sem perder a qualidade. O turista de turismo rural, ele quer fazer tudo no mato, mas à noite ele quer um ar condicionado, um colchão bom, ele não quer perder o conforto à noite. Como é divulgado o turismo rural em Ilhéus? Através das feiras do segmento rural.

Aline: Existe demanda suficiente?

Divaldo: A gente tem demanda, mas não tem produto. No dia que a gente tiver estruturado o turismo rural em Ilhéus, a gente vai ter uma demanda grande para esse segmento e uma maior adesão dos proprietários de fazendas. Muitos, como perderam dinheiro com a vassoura de bruxa, querem uma segunda opção. Outros não aderem por medo de as pessoas destruírem o patrimônio. Talvez a associação da ABATUR para convencer através dos que já estão trabalhando com o turismo rural os outros a acreditarem no potencial, se ficar apenas sem conhecer ninguém próximo a ele, não adianta. Porque Ilhéus se concentrou numa maior produção de cacau, porque uns viam os outros e viram que adiantava, então todos acabaram fazendo. O turismo rural é uma corrente de adesão, um chama o outro, só assim se tem roteiros mais próximos, pela manhã em uma, na tarde em outra. Tem um local na estrada de Ilhéus, a dona mói o cacau na sua frente, junta com o café e serve o café, faz na hora, você passa de tarde e toma o café com tapiocinha e enche. O próprio habitante de Ilhéus às vezes não conhece o que eles têm. Muitos dos que

participaram da oficina diziam: eu não conhecia isso aqui. Eles fizeram um desfile de noivas apenas com saco plástico, o noivo com paletó, tudo feito de plástico. Turismo rural precisa acordar.

Daniela: Qual o perfil do turista?

Divaldo: Meia idade, jovens, mais de capital, uma vida que eles levavam na fazenda e por motivos outros tinham que vir para a capital e pelo saudosismo, num feriado vai para uma fazenda, um retorno às raízes, mesmo quem nunca conviveu nas fazendas, quando vai, diz sentir uma paz.

Daniela: E essas pessoas que vão também se interessam em conhecer a história do cacau?

Divaldo: Sim. A produção, até chegar no grão que mandam para fora, você vai nos pés do cacau, experimenta o cacau, uma coisa que a gente tem trabalhado e o Ministério reforça muito, que quando a gente crie esses roteiros é que pensemos nos portadores de deficiência. O acesso, a gente já pensa, já imagino como pode ser transformado aquilo ali. Os proprietários já estão se adaptando a isso, porque é um público potencial, pois eles não viajam sozinhos, então mais pessoas viajando é melhor.

Aline: A Bahiatura tem parceria com o *trade* lá?

Divaldo: Sim, o *trade* ajuda muito: o *Convention*, as associações, o sindicato de turismo, o SEBRAE regional de lá, o SENAC. Lidam com o turismo em geral, pois se for demandado a ação de trabalhar o turismo rural, todos com o mesmo pensamento.

Aline: Existem agências específicas que trabalham como isso?

Divaldo: Encantur, CVC...

Aline: Existem iniciativas que usam o cacau como *marketing*?

Divaldo: Sim, a imagem cacau é utilizada nos *folders*. A produção foi o que desenvolveu a cidade e a região toda. A gente estrutura os roteiros, chama as agências e começa a comercializar.

APÊNDICE C – Entrevista com Gerson Marques. Dono da fazenda Yrerê.

Nome: Gerson Marques

Cargo/Função:

Instituição: Fazenda Yrerê

Data da entrevista: 16/10/2012

O entrevistado autorizou a divulgação dos dados coletados na entrevista e assinou consentimento: (X) sim () não

Transcrição de entrevista

Gerson: Há 6 anos, nós iniciamos com os navios, principalmente com os navios Costa e MSC. É um turismo sazonal, principalmente de novembro a março, com a temporada de navios. Além disso, a gente recebe os turistas que estão hospedados em hotéis, até mesmo o turista que está passando na cidade. A fazenda consta no Guia 4 Rodas, já há 6 anos, inclusive em guias internacionais. Então a gente tem uma demanda permanente, só que é muito baixa ao longo do ano e concentrada nesse período que vai de novembro a março. A própria manutenção de arrumação a gente faz antes de novembro. Fora dessa época a procura é muito baixa, 1 ou 2 grupos por mês, grupos de 1 casal ou 1 família. Aqui chove, então estamos passando um período de chuvas e isso influencia e não dá pra fazer uma visita. É um negócio complementar, aqui é uma fazenda de cacau produtiva e o turismo funciona como um complemento da renda da fazenda. Hoje já é maior do que o próprio cacau, em termos de renda, apesar de ser sazonal e o cacau também, mas é uma renda maior. Nós trabalhamos com uma visita a 15 reais por pessoa, mas esse é o preço de balcão, o preço que a gente cobra no geral. Com os navios nós temos outra modalidade, por exemplo, no caso dos Costa (Costa Marina, Costa Fortuna, que são todos da mesma companhia, os navios Costa), se é uma visita com café rural, então esse serviço a gente cobra 20 reais por pessoa. É servido um café com

comidas típicas do nordeste, carne de sol, farofa, torta, banana frita, vários tipos de bolos. A operadora de turismo da Costa, que é a LR Turismo, ela nos contrata, a LR é uma empresa de Salvador, temos contrato há 6 anos com eles, pra receber este grupos de turismo rural.

Daniela: Como funciona?

Gerson: A empresa traz eles aqui, vêm de ônibus, saem do porto, e normalmente é um passeio que está casado, um city tour no centro da cidade, uma visita aqui na fazenda de cacau, uma visita à CEPLAC, uma visita à fábrica de chocolate caseiro, no distrito industrial e volta pro navio. Tem algumas modalidades, tipo, sai CEPLAC e fica só a fábrica e aí eles botam praia. Depende, tem grupo que vai para o centro, fazenda de cacau, praia, ou então outro *tour*.

Daniela: A fazenda de cacau sempre tem que ter nesse *tour*?

Gerson: Não, aí é opcional para os grupos. Dentro do navio você tem 6 ou 7 passeios diferentes em Ilhéus.

Aline: Tem gente que vem aqui só pra fazenda?

Gerson: Tem. Aí não é nesse pacote. O cara desce do navio, pega um táxi, ou aluga um carro, e vem aqui só pra fazenda

Daniela: E tem muitos turistas que fazem isso?

Gerson: Tem. Dos pacotes nós recebemos em ônibus, a gente recebe cerca de 200 quando tem um navio aí. E mais cerca de 80 a 100 avulsos, que é esse que vem de táxi ou de van. Às vezes é uma família grande, estão viajando todos juntos, são 10, 12 pessoas numa família, aí aluga uma van e vem.

Daniela: E qual o perfil deste turista?

Gerson: Eu diria que metade deles são estrangeiros, mesmo os brasileiros a grande maioria deles já viajou para o exterior. Tem um nível cultural em média mais elevado, um nível financeiro em média padrão de classe média alta, vêm por curiosidade, vêm porque são normalmente ou chocólatras, ou querem saber onde começa o chocolate, vêm porque já leram Jorge Amado. Então tem muito turista que vem, especialmente do exterior, e tem turista que vem pra adquirir conhecimento

sobre agricultura, como é que planta cacau, como é uma roça de cacau, como funciona, o que é que faz pra colher cacau. Aí você vai descobrir que o cara é plantador de soja, plantador de arroz, é um agricultor que vem com interesses em agricultura, que vem conhecer. Então tem vários perfis, mas o que predomina mesmo é o turista de turismo rural. O nosso produto, a gente oferece um conhecimento sobre o cacau, então o turista ele chega aqui é recebido lá no portão, é guiado. Aqui ele tem uma pequena conferência que sou eu e o seu Zé, que é o nosso guia oficial, vai fazer uma palestra pra eles sobre o cacau, a história do cacau. A história do cacau começa lá com os astecas, na América Central. Aí a gente vai contar como é que começa o *choachat* que é a primeira bebida feita com o cacau, faz essa situação pra eles sobre o cacau até chegar aqui, a história do cacau aqui na região que já tem 2 séculos até a vassoura de bruxa. Aqui a gente abre o cacau e dá pra eles degustarem, então, eles já tem uma experiência degustativa e olfativa. Então você mexe com a sensibilidade das pessoas, a grande maioria nunca viu um cacau, muito menos o sabor do cacau, então imaginam que o cacau é da cor de chocolate, que o sabor é parecido com chocolate, e não tem nada a ver. Aí a gente também abre uma amêndoa de cacau e mostra o interior, daqui é que vai sair o chocolate. Depois a gente leva eles aqui na trilha, até a plantação de cacau na roça. Lá a gente mostra a vassoura de bruxa, mostra os pés de cacau, a forma como foi plantado para fazer sombra. Nós temos a seringueira, normalmente a gente tem ela cortada vazando o látex, ele é próprio para você casar com o cacau, porque vai ser sombra pro cacau. O cacau é a única agricultura no mundo que é plantado à sombra, plantado na floresta. No início planta bananeira para o cacau novo e depois planta árvores que vão crescer mais e vão ser a sombra para o futuro cacau. Usa muito a eretrina, às vezes jaqueira, mangueira... Então a gente mostra estes aspectos na roça de cacau. Quando o grupo é menor, por exemplo, um casal ou uma família, a gente abre o cacau lá, pra eles degustarem na própria roça, que é mais gostoso ali naquele ambiente, colhe o cacau na hora e dá pra eles degustarem. Quando é um grupo maior, a gente prefere abrir aqui. Então, como é que o negócio funciona? O resultado é mexendo com esses sentidos, é com o paladar, o olfato, com o olhar. E eles adoram, ficam impressionados, fotografam, ficam encantados. São coisas simples, tudo é motivo de curiosidade, os nossos guias são orientados para ir mostrando isso. Tem que considerar que 90% desses nossos clientes são urbanos. Ele mora em Londres, Paris, São Paulo... São pessoas que vão ver bicho

pela primeira vez, às vezes. Na volta a gente leva ali na barcaça, então sempre tem cacau ali exposto, para que eles possam sentir o cheiro forte do cacau e degustar a amêndoa do cacau seco, que já tem sabor de chocolate amargo. Muitos, os brasileiros principalmente, têm aquela informação da novela, o pisoteio de mexer no cacau, adoram fotos pisoteando o cacau.

Aline: Como é feita a divulgação?

Gerson: Ela é feita nos hotéis e dentro dos navios, basicamente. E como falei, no Guia 4 Rodas, e com agências de Ilhéus que trabalham com receptivo. A Encantur, a maior de Ilhéus, a LR Turismo é de Salvador, Bicho do Mato, e não temos convênio com a CVC que trabalha com a outra fazenda, a Primavera. E a Órbita também. Quando tem grupos em hotel, eles ligam, a gente recebe e é o mesmo sistema, funciona pra todos iguais, às vezes a gente recebe com almoço. Um grupo de 20 pessoas que querem almoçar uma comida diferente e tal. São serviços diferenciados que a gente também pode fazer. Tem situações de alugar a fazenda pra eventos, são serviços paralelos. Voltando, eles saem da barcaça e vão lá pra casa. Lá em casa eles vão tomar suco de cacau, normalmente tem um chocolate caseiro feito aqui, sucos de outras frutas e, muitas vezes, tortas de chocolate. São guiados por trabalhadores, então a linguagem não é esse que eu estou tendo com vocês, uma linguagem bem mais rústica do trabalhador rural. Quando o guia volta, e já são 3 trabalhadores capacitados para isso, eu recebo eles na porta. A casa também tem uma decoração típica e a gente monta um lojinha que vende chocolate, artesanato.

Daniela: E o que levou o senhor a fazer dessa fazenda turística?

Gerson: A gente já comprou esta fazenda pensando em fazer um negócio com ela. Agora mesmo eu estou expandindo, vou fazer loja, restaurante na beira da represa. Já compramos com este olhar, de fazer daqui um negócio para turismo rural. Eu fui consultor de turismo do SEBRAE, eu trabalho com turismo há muitos anos, fui diretor da ILHEUSTUR e fui presidente do Instituto de Turismo de Itacaré. Então, eu já tinha um conhecimento de turismo e já sabia que havia esse nicho aqui no mercado. O turismo rural, ele é uma das muitas modalidades de turismo, aqui é o chamado turismo de natureza. Em Ilhéus a oferta era muito pequena, e do mesmo jeito que a gente gostaria de conhecer uma fazenda de uva no Rio Grande do Sul, eles também

têm interesse em conhecer uma fazenda de cacau. A fazenda de cacau, ela é muito romanceada, por Jorge Amado.

Daniela: E é um segmento lucrativo?

Gerson: É. O turismo, ele é lucrativo em escala. Você não ganha com 3 turistas, você ganha com 300 turistas, aí ele se torna lucrativo. Só vale a pena aquele pedaço do ano. Ele rende para a gente muito mais do que o cacau. Agora, somando o cacau e o turismo ainda não sustenta minha família não (risos). Como um negócio, ainda é pequeno. Qual o grande segredo do turismo? Quem viaja já definiu gastar. Você tem que ter habilidade pra fazer a pessoa “meter a mão no bolso” no seu negócio, ele fazendo isso com prazer, gostando do que está fazendo. A gente aqui recebe sempre na saída, e já houve casos de chegarem e acharem que era caro, mas é muito raro.

Daniela: Como o senhor comprou, já houve modificações na fazenda?

Gerson: Não, mas eu já tenho planos, como um orquidário. É um negócio e complementa o turismo, é um *plus* a mais que eu tenho a oferecer par o turista.

Aline: O senhor sabe a história da fazenda?

Gerson: Sei. Essa fazenda era uma sesmaria, doada em 1728 pela colônia portuguesa, para a família Wase. Nós adquirimos a 15 anos atrás de herdeiros dessa família. Era uma área muito grande, e com o tempo essa área foi sendo, por conta de herança, cortada. Hoje é uma fração do que era a sesmaria. São 11km de extensão, ela é estreita, mas é comprida. Todos tinham que ter acesso à estrada.

Aline: Vocês trabalham só com *day use*?

Gerson: Isso. Não tem como se hospedar, e não pretendo trabalhar com hospedagem. Quem vem pra Ilhéus pode passar na beira da praia e eu teria uma concorrência muito forte, mais fácil trabalhar com *day use*.

Daniela: O que o senhor acha que dificulta o turista chegar até aqui? Transporte?

Gerson: Para o meu negócio, o que mais dificulta é Ilhéus não ter um volume grande de turista. Se tivesse um turismo ao longo do ano todo... A dificuldade é a cidade

não trabalhar o turismo o ano todo. Em relação ao transporte, o turista que vem, vem com agência ou transporte próprio, não é um grande problema. Mais a promoção do turismo na cidade, ter mais turista ao longo do ano. Apenas há 6 anos trabalho com o turismo.

Daniela: O senhor tem ideia de quantidade de turista que chega?

Gerson: Mais ou menos uns 3000. 70% de navios compram um dos vários pacotes que nós oferecemos. E o de hotel é mais pela curiosidade, porque viu novela, leu Jorge Amado. Aqui a gente tem o problema da vassoura de bruxa, a gente mostra e explica o que é e como combate. Existe um nicho muito grande, pode-se dizer que a gente tá arranhado o mercado.

Aline: E o que dificulta, é a divulgação?

Gerson: É a divulgação. Como eu te falei, o fato do turismo em Ilhéus ainda ser fraco e sazonal. E eu acho que precisa enriquecer mais em atrativos pra eu ter o turista mais tempo.

Daniela: Com a novela Gabriela (da Rede Globo, 2012), aumentou o fluxo?

Gerson: Já aumentou. Agora no meio do ano, foi um movimento bem maior que nos outros anos.

Daniela: E em relação a idiomas, todos entendem bem?

Gerson: Quase todos vêm com guias, no caso dos navios. Quando não é, no caso de línguas latinas, a gente se vira bem com “portunhol”, até porque muita informação é visual. Tem mais problema com alemão, americano que chega sozinho, mas nunca foi o problema. Aqui a gente mostra para eles a clonagem. A forma de combater essa praga foi feita uma pesquisa pela CEPLAC, que voltou até a Amazônia e descobriu qual eram as espécies que não sofriam com a vassoura de bruxa, e aí eles pegaram essas árvores e fizeram o estudo do DNA delas e replicam esse DNA, então é cópia de árvores. Aí a gente recebe uma haste de 15 a 20cm desse cacauero bom e encaixa ele no velho (afetado), que é um enxertia, a metade para baixo é a árvore antiga e daqui para cima é a árvore nova que não tem fungo. Essa nova herda o sistema de raízes da velha.

Daniela: E isso tem um custo?

Caro. Tem que ser financiado, é uma mão de obra cara, há uma perda ao longo do processo, porque é uma cirurgia.

APÊNDICE D – Entrevista com Elizabeth Gomes de Cerqueira Lima. Dona da Fazenda Almada.

Nome: Elizabeth Lima

Cargo/Função:

Instituição: Fazenda Almada

Data da entrevista:

O entrevistado autorizou a divulgação dos dados coletados na entrevista e assinou consentimento: (X) sim () não

Transcrição de entrevista

Elizabeth: Temos a preocupação com a Mata Atlântica sem a gente prejudicar o meio ambiente.

Daniela: com certeza, preservar esse ambiente para poder fazer o turismo.

Elizabeth: Lá em cima a gente tem o cemitério da região, o pessoal vai para lá. Tem muita gente: trabalhadores, meus vizinhos, tem familiares, aqui tem o rio Almada que passa do lado que vai até Ilhéus. Antigamente não existiam essas estradas, existia o que se chamava de automóvel de linha que era um trem que passava aqui e o cacau e as pessoas desciam de canoa pelo rio, ali sim era difícil o acesso. O acesso tem, o que não tem mesmo é hospital, é médico isso que falta em Ilhéus. (Ela faz referência ao que o secretário de turismo fala da falta de acesso para essas fazendas).

Aline: Pode-se perceber em pouco tempo essa precariedade.

Elizabeth: Então, realmente é tudo muito carente aqui, infelizmente, acho que aqui se explora muito o turismo. Eu gostaria de fazer diferente, explorar esse turismo, esse é meu objetivo, mas fica muito a desejar.

Aline: A senhora poderia contar um pouco a história da Almada, se era uma fazenda, uma sesmaria...

Elizabeth: Era uma sesmaria. A fazenda Almada começou em 1855. No começo era engenho de açúcar, logo depois começou o cacau. Teve a história daquela santa ali que já mostrei. A história do cacau e tudo aqui sempre foi um dono só, ela tá até hoje na mesma família, tudo aqui é conservado desde aquela época, você viu pelos móveis, por tudo e até no trato com as pessoas a gente tenta fazer a mesma coisa. Lógico que os tempos mudaram, antigamente tinha aquela pompa, aquela coisa. A gente adapta claro aos dias de hoje, mas as três pessoas que estão aqui todas elas têm uma história aqui. Aliás, o avô da Verinha (secretária da proprietária da fazenda) foi trabalhador aqui, depois o pai, o marido os filhos, tudo aqui passa de pai para filho. Então a gente tenta levar isso até hoje. O que mais vocês queriam saber da história?

Aline: Isso mesmo, como começou, por quem foi doada...

Elizabeth: Não, essa fazenda aqui foi comprada por José de Cerqueira Lima e depois ele teve um filho chamado Pedro de Cerqueira Lima, e a minha filha é a sexta dona da Almada, e primeira mulher. E tem uma coisa interessante porque todos eles eram Pedro e todos os outros eram chamados Pedro Augusto de Cerqueira Lima, quando um filho nascia tirava o Filho do pai e botava o Filho no filho, então, por exemplo, meu marido era Pedro Augusto de Cerqueira Lima Filho, o pai era Pedro Augusto de Cerqueira Lima, mas se a minha filha que se chama Juliana fosse menino ela iria se chamar Pedro Augusto de Cerqueira Lima Filho. Então todos tem essa coisa diferente, pois todos foram Pedro Augusto, a única mulher.

Aline: Qual a viabilidade de se trabalhar com o turismo rural aqui? Como vocês avaliam esse mercado, esse segmento?

Elizabeth: Olha, eu acho que é uma esperança, é uma vontade que eu realmente tenho muito, mas eu quero que se entenda qual que é a proposta da fazenda Almada, as pessoas tem que vir porque gostam da natureza, porque gostam da história que a gente conseguiu fazer, esse museu... Então, não é uma coisa que eu quero que esteja aberto para qualquer coisa, por exemplo, churrasco, pagode, não cabe aqui isso, não tem sentido. Esse tipo de programa não é o da fazenda Almada.

Aline: Existe divulgação do turismo rural em Ilhéus? A senhora acha tem que tem a divulgação do turismo rural aqui?

Elizabeth: Eu acho que não tem divulgação, eu acho que não tem divulgação nem da cultura do cacau, apesar da gente ter aí o maior deles todos que foi o Jorge Amado, mas depois disso não teve mais, foi comemorado os 100 anos de Jorge Amado, porque foi o único, um dos maiores escritores baianos com um legado maravilhoso, conhecido mundialmente, e Ilhéus é esquecida.

Daniela: E o cacau é o símbolo da região?

Elizabeth: É, mas é esquecido. Só se lembrou agora com os 100 anos de Jorge Amado e Gabriela e o cacau hoje, o quê? É uma coisa que não está presente só no chocolate, mas também na parte de medicamentos, de estética... Hoje em dia o cacau é usado em praticamente tudo. Então, depois da vassoura de bruxa, a gente ficou assim, sem pai e sem mãe. Sabe quando você tem tudo e aí todo mundo te dá a mão, acha maravilhoso e quando você fica... Então a gente se sentiu assim, o cacauicultor se sentiu assim...

Aline: Mas vocês produzem bastante cacau?

Elizabeth: Nós produzimos, continuamos, estamos enfrentando o problema da vassoura de bruxa

Aline: Tem parcerias com a CEPLAC?

Elizabeth: Nós temos técnicos da CEPLAC aqui que vem ver, mas parcerias não tem.

Aline: E vocês estão fazendo pacotes aqui para fazenda Almada? Porque pelo que eu entendi, vocês não estão trabalhando ainda com isso efetivamente.

Elizabeth: Não, pacotes fechados não. Teve uma coisa só de divulgação para jornalistas, repórteres, para ver a fazenda, o *Salon du Chocolat*. Eu estou com vontade de começar de fazer um chocolate artesanal, então teve eventos, mas ainda é uma coisa que foi aberto, é uma coisa que tá sendo começada, tá aparecendo na minha cabeça porque o *Greenpeace* ficou encantado. Então está acontecendo, mas uma coisa eu tenho certeza, não quero uma coisa aberta porque perde a característica daqui, entrando ônibus... Não tô dizendo que eu tenho a melhor coisa do mundo, mas a gente tem coisas que é a história do cacau, muita coisa que é contada erroneamente, sanguinário, os coronéis. Eu tenho o exemplo do meu

marido que não foi sanguinário, foi uma pessoa mais do que humana, assim como meu sogro, todo mundo sempre gostava, tem trabalhadores que são netos que trabalhavam com meu sogro, então essa imagem passada pela Globo denigra a região. Algo pejorativo. Eu vivi uma história maravilhosa com meus avós... O pré-conceito existia e ainda existe e gostam de falar dos coronéis e gostam de falar talvez das pessoas que tinham o poder na época, o dinheiro... Não dizendo que alguém é santo, mas é um pouco de cada lado.

Aline: Então, para finalizar, quais os aspectos positivos desse segmento do turismo rural?

Elizabeth: É uma incógnita, não sei.

Aline: A senhora acha que traria muito lucro, ou melhor, quando as pessoas vêm aqui, elas trazem lucro efetivo?

Elizabeth: Olha, o lucro é lógico que eu espero porque, senão, não tem sentido a gente abrir. Além do lucro que vai me acrescentar como ser humano porque vou estar em contato com outras pessoas como o lucro financeiro para que realmente eu possa ajudar essa parte do cacau que está dessa forma ainda. Então eu espero que lucre, senão, não vale a pena.

**APÊNDICE E – Entrevista com João Alves de Araújo Vianna Neto.
Coordenador de receptivo da agência Encantur.**

Nome: João Alves de Araújo Vianna Neto

Cargo/Função: Coordenador de receptivo

Instituição: Agência Encantur

Data da entrevista: 16/10/2012

O entrevistado autorizou a divulgação dos dados coletados na entrevista e assinou consentimento: (X) sim () não

Questionário

1. Quais os pacotes oferecidos referentes ao turismo rural em Ilhéus?

RPPN Mãe da Mata: passeio direcionado a estudantes, a escolas.

Fazenda Irerê

Fazenda Provisão – que mais se aproxima ao passado, com os móveis...

Fazenda Almada

2. Qual o valor desses passeios referentes à visita às fazendas oferecidos pela agência?

R\$ 60,00 (incluso guia pelo Ministério do Turismo).

3. Há quanto tempo o turismo rural está sendo trabalhado pela empresa?

Mais ou menos 8 anos.

4. Existe divulgação da empresa em relação ao turismo rural?

Através de *folders* e feira de turismo.

5. Existe demanda suficiente para a continuidade do segmento?

Com certeza, esses atrativos são ajudados por conta da literatura de Jorge Amado.

6. Existem dados sobre o perfil do turista interessado nesse segmento? Qual o perfil?

Famílias, casais acima de 35 anos, senhoras e senhores...

7. Quais os aspectos negativos desse segmento?

Falta de profissionalização do turismo e a falta de acesso por conta do desinteresse do setor público.

8. Qual a média de turistas que buscam as agências para fazer esse tipo de turismo?

Em baixa estação: 10 a 15 turistas por semana.

APÊNDICE F – Entrevista com Luciane Coelho. Receptivo da agência Órbita Turismo.

Nome: Luciane Coelho

Cargo/Função: Atendente de receptivo

Instituição: Agência Órbita

Data da entrevista: 16/10/2012

O entrevistado autorizou a divulgação dos dados coletados na entrevista e assinou consentimento: (X) sim () não

Questionário

1. Quais os pacotes oferecidos referentes ao turismo rural em Ilhéus?

Fazendas de cacau e trilhas.

Fazendas: Provisão, Bom Jesus (Una) e Primavera. O local dependerá da localização que o turista se encontra. A fazenda Bom Jesus é considerada moderna, pois trabalha com produção orgânica, as outras são mais tradicionais.

2. Como a empresa divulga o turismo rural?

Através do site: www.orbitaexpedicoes.com.br

3. Há quanto tempo a empresa trabalha com esse turismo voltado às fazendas?

Desde sempre.

4. Como funciona o trabalho de vocês?

Não temos saídas diárias, trabalhamos com um público mais privado, poucas pessoas, podem até ser duas pessoas. O valor cobrado para 2 pessoas: R\$ 190,00.

5. Existe demanda suficiente para a continuidade do segmento?

Relevante quantidade.

6. Existem dados sobre o perfil do turista interessado neste segmento? Qual o perfil?
São clientes considerados VIP, geralmente casais que vêm de São Paulo ou Minas Gerais, principalmente no verão quando chegam os navios.

7. Existe divulgação da empresa em relação ao turismo rural?
A divulgação está se iniciando, a gente tem planos para divulgar *folders* nos hotéis.

8. Existem aspectos negativos nesse segmento?
Não.

APÊNDICE G - Entrevista com Cléa Serra Müller. Assistente administrativa da agência Easy Turismo.

Nome: Cléa Serra Müller

Cargo/Função: Assistente administrativa

Instituição: Easy Turismo

Data da entrevista: 16/10/2012

O entrevistado autorizou a divulgação dos dados coletados na entrevista e assinou consentimento: (X) sim () não

Questionário

1. Quais os pacotes oferecidos referentes ao turismo rural em Ilhéus?

Fazenda Yrerê, Fazenda Primavera e Fazenda Provisão (que não entra na plantação do cacau).

2. Há quanto tempo o turismo rural está sendo trabalhado?

Mais ou menos 10 anos. Quando abriu a empresa, já abriu com passeios opcionais.

3. Existe divulgação da empresa em relação ao turismo rural?

Sim, através de *folders*.

4. Existem dados sobre o perfil do turista interessado neste segmento? Qual o perfil?

Geralmente europeus, mas com pessoas de todas as idades.

5. Quais os aspectos negativos neste segmento?

Estes passeios foram mais divulgados no período da novela Renascer, mas o turismo que prevalece ainda é o sol e praia e dos centros históricos. Muitas vezes Ilhéus se torna apenas um porto e as pessoas logo vão para Itacaré.

APÊNDICE H - Entrevista com Paulo Moreira. Secretário de Turismo de Ilhéus.

Nome: Paulo Moreira

Cargo/Função: Secretário de Turismo

Instituição: Secretaria de Turismo de Ilhéus (SETUR)

Data da entrevista: 17/10/2012

O entrevistado autorizou a divulgação dos dados coletados na entrevista e assinou consentimento: (X) sim () não

Transcrição de entrevista

Paulo: Nós temos 2 fazendas que fazem um bom trabalho de receptivos, principalmente de navios que chegam aqui. Nós recebemos em média de 30 a 150 mil turistas só de cruzeiros marítimos que aportam em Ilhéus, que visitam o que tem de atrativo na cidade.

Aline: De acordo com sua experiência, qual o tipo de turismo praticado na região de Ilhéus?

Paulo: O que mais tem foco ultimamente em Ilhéus é turismo de lazer, turismo de descanso. É um turismo diferente de Porto Seguro, diferente de Itacaré, nós estamos num meio diferente de Salvador. Aqui o pessoal vem mais com a família, para descanso. Nós estamos buscando incentivar, eu que faço parte da Secretaria de Turismo, e também tenho uma empresa que há 23 anos trabalha no segmento de eventos... Estamos buscando eventos para trazer para cidade de Ilhéus. O pessoal que acorre muito a Ilhéus é mais para descanso, lazer, vem pela gastronomia, pelas praias, pela história, pela cultura, pela história de Jorge Amado, veio muita gente no centenário de Jorge Amado, de diversos lugares, inclusive do exterior, e tem a beleza natural.

Aline: E o que a SETUR entende por turismo rural?

Turismo rural é aquele turismo que se agrega valores no sentido de você estar voltado principalmente para a agricultura e pecuária. Aonde você pode ter exposições de gado, de animais em geral, você pode estar em contato com a fauna, com a flora. Tem hotéis e pousadas que seriam voltadas para isso, nesse segmento. E as pessoas que vão acordar pela manhã, vão dar caminhada na mata, ver os animais, ter esta convivência, isso que a gente entende por turismo rural.

Aline: E quais são os principais produtos, atrativos turísticos do turismo rural aqui em Ilhéus?

Paulo: O turismo rural em Ilhéus, ele é muito precário devido aos acessos, porque é um município muito grande. As estradas, com o tempo chuvoso, elas ficam em péssimas condições. Quando o tempo não está chuvoso, está um tempo mais seco, ele fica esburacado, empoeirado, então, não tem acesso. Devido à falta de acesso ele fica precário. Isso necessitaria de uma ação do estado, do município, elas estão praticamente abandonadas.

Aline: E qual a viabilidade e o potencial de se trabalhar com o turismo rural em Ilhéus?

Paulo: É extremamente gratificante o turismo rural, não só em Ilhéus, mas em qualquer localidade. O que a gente tem que buscar é junto ao governo do estado e o governo federal, nós estamos sobrevivendo ainda na “era da pedra lascada”, as estradas estão todas esburacadas, barro, não tem sinalização, tem dificuldade de acesso, dificuldade de transporte... Para você ter uma condição melhor para o turismo rural é necessário que tenham veículos que trabalham, ônibus, trem. O que a gente fez para o turismo rural ficar mais aguçado, foram 2 fazendas que nós temos na estrada Ilhéus-Itabuna, uma é a fazenda Yrerê e a outra a fazenda Primavera, além da CEPLAC.

Aline: São só estas duas?

Paulo: São só estas duas que têm estrutura para receber o turista, porque é um local de difícil acesso, e é uma área asfaltada, tem um pequeno museu da mostra do cacau, tem uns guias selecionados para isso que mostram desde o plantio até a colheita do cacau, tem um farto café da manhã com produtos naturais da região, produtos agrícolas, faz com que isso brilhante o turismo rural.

Aline: E vocês têm parcerias com a Bahiatura?

Nós temos parceria com a Bahiatura, mas não neste sentido do turismo rural. A parceria que temos é em grandes festas, e a Bahiatura sempre está presente nas ações do município de Ilhéus. Agora com o turismo rural não se tem parceria com a Bahiatura, mesmo porque eles não fazem investimento neste segmento.

Aline: E há quanto tempo se trabalha com o turismo rural em Ilhéus?

Paulo: Aqui nós estamos há uns 6 anos no máximo, que foi quando começou a surgir o turismo rural muito em função dos cruzeiros marítimos. Quem mais procura o turismo rural em Ilhéus é o pessoal dos cruzeiros marítimos que querem visitar as fazendas de cacau, a história dos coronéis, mais agora com a novela Gabriela.

Daniela: Mas existem ações efetivas para este segmento?

Paulo: Existe. E foi selecionada inclusive a visita à CEPLAC, à fábrica de chocolate. Hoje nós temos 3 fábricas de chocolate caseiro, são abertas à visita. Uma é privilegiada porque fica aqui no asfalto na estrada de Uruçuca, a outra já é prejudicada que é uma belíssima estrutura, mas fica no Rio do Engenho, que o acesso é ruim.

Aline: Vocês divulgam o turismo rural como?

Paulo: Não se divulga, porque se não tem estrutura, vai divulgar o quê? Seria divulgar uma coisa que você não tem.

Aline: Existe demanda suficiente para o desenvolvimento do segmento?

Paulo: Demanda tem. Não tem a oferta, estrutura não tem.

Aline: Tem algum dado sobre o perfil do turista, quais são as pessoas que gostam de vir?

Paulo: Geralmente o perfil do turista que procura a área rural é o paulistano. O turista de São Paulo, devido a ele viver numa “selva de pedra”, é a maior procura que tem. Independente dos cruzeiros marítimos e das operadoras também, o pessoal quando vem de São Paulo, quer conhecer no mínimo uma fazenda de cacau. Geralmente um pessoal mais velho, mais família. Itacaré tem um segmento

de turismo que são pessoas mais jovens, os surfistas. Porto Seguro já é diferenciado, todo dia tem festa. Já Ilhéus você programa o quê? Final de ano, alta estação tem muita movimentação.

Daniela: O senhor tem ideia de quantos por cento dos turistas que chegam aqui gostam de visitar as fazendas de cacau?

Paulo: Tem, 12% precisamente, não é mais do que isso.

Aline: E sobre o festival de chocolate?

Paulo: O festival de chocolate já esta no seu quarto ano. Ele nasceu com um festival pequeno e tomou uma dimensão que hoje ele já faz parte do Salão Internacional do Chocolate, o ano passado foi apresentado em Paris, esse ano foi em Salvador com uma parte de Ilhéus.

Daniela: E com que intenção este festival existe?

Paulo: A intenção do festival é mostrar o produto e a qualidade do chocolate. Nós fomos visitar 12 fábricas de chocolate em Gramado, 2 em Canela e as outras em Gramado. Algumas pessoas que trabalhavam lá nunca tinham visto o fruto cacau. Então, se você chegar na França e disser *cocoa*, uns vão saber, outros não vão saber. Agora, se você disser chocolate, todo mundo sabe. Essa é a finalidade do festival, agregar valores ao turismo.

Daniela: Existe uma preocupação de fazer uma ligação entre o festival e as fazendas de cacau?

Paulo: Existe. Isso foi feito aqui em Ilhéus, inclusive. Visitação do pessoal para as fazendas de cacau, as fábricas da região, não só de Ilhéus, mas Itabuna tem. O pessoal do exterior gostou muito, porque lá eles têm um cacau diferenciado, um cacau nobre. Cacau pra eles é 100 vezes o valor que se tem aqui. Você comer um tablete de chocolate é você comer uma porção de caviar. Agregar o produtor ao industrial.

Daniela: Para este turismo das fazendas alavancar, o que deveria ser feito?

Paulo: Primeiro de tudo, infraestrutura. Se você não tem acesso bom, meio de comunicação bom, se não tem transporte...

Aline: Por isso que tem 2 fazendas que fazem isso?

Paulo: Por isso só tem 2 fazendas que fazem isso. Tem muitas outras fazendas que gostariam, mas não têm como.

Daniela: São duas as mais conhecidas, mas e a fazenda Almada?

Paulo: A Almada quando tem tempo bom, se vai. Quando tá ruim, não vai, por causa do acesso, estrada ruim.

Aline: Pra finalizar, o que o senhor acha do turismo rural?

Paulo: É um dos segmentos do turismo mais importantes, e nossa região é propícia a isso, porque você tem o que mostrar, você tem uma história, uma cultura.

ANEXO A – Costa do Cacau: rotas do chocolate.



COSTA DO CAJAL

DÁ GOSTO CONHECER

ROTAS DO CHOCOLATE



O GOSTO DESTA HISTÓRIA, O MUNDO TODO CONHECE.

A indústria chocolateira internacional conhece o cacau da Bahia desde o século XIX, quando o Brasil se tornou o maior exportador de cacau do mundo. Na década de 80, a Bahia produzia anualmente cerca de 400.000 t de cacau e grande parte era exportada para Europa, Estados Unidos e Rússia. Nosso cacau era conhecido por Cacau Superior Bahia. Essa produção e qualidade atraíram empresas compradoras e indústrias multinacionais, que aqui se instalaram para processar cerca de 225.000 t/ano de amêndoas.



O mercado procura novos sabores.

Mesmo com as mudanças ocorridas a partir dos anos 90, o cacau superior da Bahia faz valer sua tradição no mercado internacional. Tanto que megaeempresas montaram programas para produzir na região o cacau orgânico, com altos padrões de qualidade.

Outros fatores contribuem positivamente para a região cacauzeira da Bahia. É a única no mundo a produzir cacau, em grande escala, sob a sombra de espécies nativas do bioma local, a Mata Atlântica. Esse tipo de cultivo é único, permitindo a conservação do meio ambiente, da fauna e flora, do solo, da água e da cultura regional.

Marcas internacionais preferem o cacau da Bahia.

Com o mercado em ascensão, as cooperativas e produtores já realizam significativas comercializações com chocolateiros de renome como Valrhona, Pralus, Bonnat, Pierre Marcolini e a Läderach. E surgem os chocolates de renome internacional a partir de amêndoas baianas.

De volta às prateleiras e vitrines.

Isso acontece em paralelo a uma ampla renovação da logística e da infraestrutura da região sul e extremo sul da Bahia, com a construção de ferrovias, portos e aeroportos. Uma evolução articulada com o fortalecimento do ambiente produtivo, da qualificação e capacitação profissional do setor. Com tal intensidade que o cacau e o chocolate da Bahia começam a retomar o seu posicionamento de vanguarda e de referência no cenário brasileiro e internacional.



Costa do Cacau

E não é só o gostinho bom do chocolate que faz da Costa do Cacau um dos roteiros preferidos dos visitantes.

Esta é uma região de belezas naturais e históricas imortalizadas pelos romances de Jorge Amado. De Itacaré, ao norte, a Canavieiras, ao sul, passando por Ilhéus e Una, as matas se debruçam sobre praias de areias brancas, lagunas, mangues e reservas naturais. Do azul do mar ao verde da mais rica reserva de Mata Atlântica do Brasil.

Um dos roteiros mais procurados por visitantes do mundo todo.

UMA REGIÃO GOSTOSA POR NATUREZA.





Aqui tem

Sol e praia, história, cultura, gastronomia, negócios, ecoturismo, esporte e aventura, pesca esportiva.

Infraestrutura e serviços:

Parque hoteleiro: 17.893 leitos em resorts, hotéis e pousadas. Restaurantes regionais e internacionais, shopping center, centro de convenções, parque de exposições, campo de golfe com 18 buracos, aeroporto internacional, terminal rodoviário e porto.





1. CAMINHOS DO CACAU E CHOCOLATE.

**Municípios que integram o roteiro:
Ilhéus, Itacaré, Una, Uruçuca e Canavieiras**

Região Turística:
Costa do Cacau

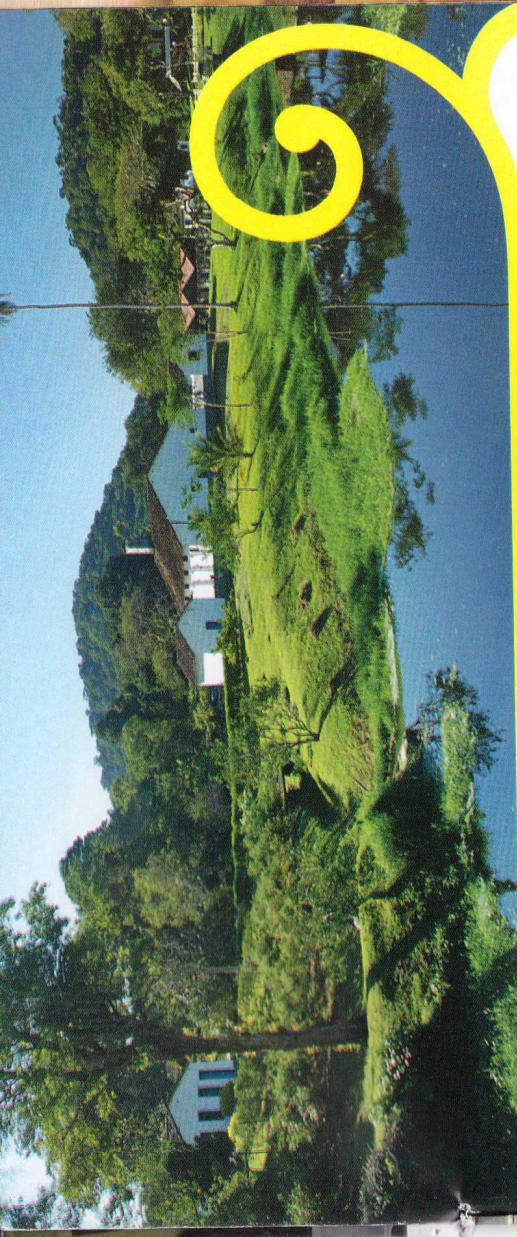
Descritivo:

Este é um roteiro no qual se vive a história desde os primórdios do cacau, produção de chocolate, muitas belezas naturais e cultura. Um roteiro realmente imperdível.

ROTEIRO:

- 1º dia** - Chegada a Ilhéus/hotel. Tempo livre (opcional) - visita à Vila Juarana. À tarde, city tour Quarteirão Jorge Amado. À noite: Bataclan.
- 2º dia** - Visita à Ceplac, ao Centro do Bicho-Preguiça e à Fábrica de Chocolate Itacaré, com almoço no Rio do Engenho. À tarde, RPPN Mãe da Mata e alambique Rio do Engenho. Noite livre.
- 3º dia** - Passeio a Canavieiras, com Ilha das Garças (banho de lama), centro histórico com almoço. À tarde, Ecomarque de Una, com retorno a Ilhéus. By night no Mar Aberto.
- 4º dia** - Check-out Ilhéus/Itacaré (Mirante Serra Grande/Cachoeira do Tijupe com almoço/check-in hotel). By night: Forró Praia da Concha.
- 5º dia** - Circuito arvorismo. Tarde: check-out e parada no Café com Cacau, seguindo para o aeroporto em Ilhéus.





2. CAMINHOS DO CACAU E CHOCOLATE II.

**Municípios que integram o roteiro:
Ilhéus, Itacaré, Una, Uruçuca e Canavieiras**

Região Turística:

Costa do Cacau

Descritivo:

Venha fazer um passeio inesquecível pela região onde nasceu o escritor Jorge Amado. Lugar em que se pode desfrutar de belíssimas praias de águas cristalinas, conhecer centenárias e belas fazendas de cacau. Degustar o delicioso sabor do verdadeiro chocolate, banhar-se nos mais belos rios e cachoeiras da Costa do Cacau.

ROTEIRO:

1º dia - Check-in Ilhéus. City tour Quarteirão Jorge Amado (opcional). Almoço no centro histórico. *By night* opcional: comunidade indígena Jairi ou Bataclan.

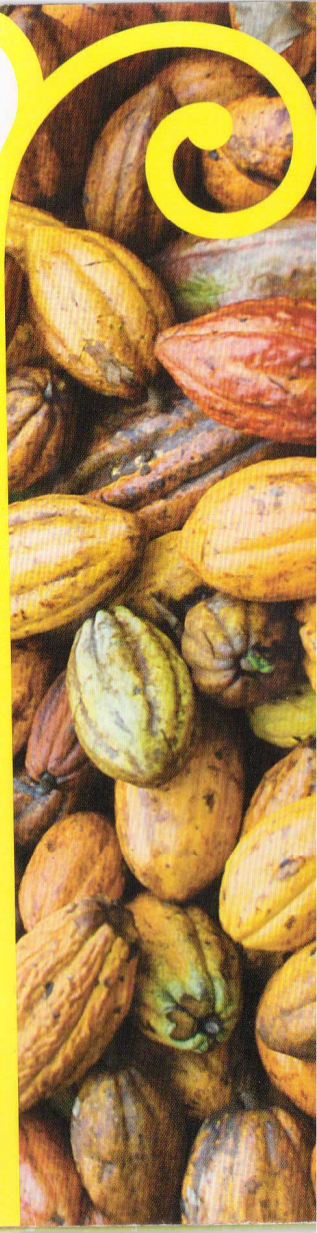
2º dia - Visita à RPPN Mãe da Mata (trabalho com cacau, chocolate, comunidades, etc.) ou Fazenda Provisão, Fábrica de Chocolate Itacaré, com almoço no Rio do Engenho. *By night* (opcional): Terreiro Matamba Tombenci Neto).

3º dia - Passeio de chalana no Rio Pardo até a Ilha das Garças, centro histórico. RPPN Ecoparque Una ou Ilha da Fantasia/Fazenda Ouro Verde, com vivências sobre chocolate e base comunitária.

4º dia - Check-out em Ilhéus. Segue para Vila Juerana com almoço e apresentação de Bumba Meu Boi. Mirante Serra Grande e Cachoeira do Tijuípe. Check-in em Itacaré. *By night* opcional: Mar & Mel Forró.

5º dia - Fazenda Sant'Ana ou Quilombo D'Oiti. Noite livre.

6º dia - Check out Itacaré, com visita ao Café Cacau, no retorno a Ilhéus para embarque.





Sensacional!



Saiba mais sobre os roteiros do cacau
e do chocolate pelo

DISQUE BAHIA TURISMO

(71) 3103.3103



24 H

www.bahia.com.br



SECRETARIA DO TURISMO

BAHIATURSA

ANEXO B – Panfleto Easy Turismo: empresa de receptivo de Ilhéus.



**A BAHIA
MAIS FÁCIL**



E-mail: reserva@easyturismo.com.br
 Telefone Itacaré: 55 73 3251 2271
 Base Aeroporto: 55 73 3231 7198
 Fax: 73 3231 7198
 Celular: 55 73 8858 7004
 9922 6457 / 8858 7003
<http://www.easyturismo.com.br>
 InformMSN:
leila_easytur@hotmail.com

A EASY TURISMO



Desde 2003 no mercado, a EASY TURISMO é uma empresa de receptivo nacional e tem parceria com as maiores operadoras de turismo do Brasil. Tem como foco principal Excelência No Atendimento e profissionalismo. O sucesso da nossa Empresa é pautado em puro relacionamento.

NOSSA MISSÃO
 Promover processos de mudanças nas organizações de forma a agregar benefícios concretos a todos.

NOSSA VISÃO
 Ser referência no que diz respeito a valorização e desenvolvimento do potencial humano nas organizações. Acreditamos que o ser humano é detentor de um potencial infinito, que deve ser estimulado para que caminhe em direção a uma contínua melhoria de resultados, podendo superar-se a cada dia.

NOSSOS VALORES

- Profissionalismo.
- Portualidade (reflete seriedade e confiança em nosso trabalho);
- Amor, Carinho e Atenção para com o próximo, só nos faz bem, aliás muito bem, sempre!
- Coerência;
- Transparência;
- Simpatia espontânea;
- Postura;
- Amor, Carinho e Atenção para com o próximo, só nos faz bem, aliás muito bem, sempre!
- Bom Humor;
- Melhoría contínua.



Ilhéus

Ilhéus - City tour

Contada nos livros de Jorge Amado, aqui se passou a história dos coronéis do cacau, do Nacib e da Gabriela. No quarteirão Jorge Amado, uma verdadeira Viagem ao passado, visitando a Catedral de São Sebastião, a Igreja de São Jorge, a Casa de Jorge Amado, o Bar Vesúvio, o Bataclan e os diversos palacetes que aqui se encontram. Além do tour histórico, Ilhéus oferece mais de 80km de praias, balneários, rios, lagoas e cachoeiras.

DURAÇÃO MEIO PERÍODO.
Passeio com praia dos milionários:
DURAÇÃO DIA INTEIRO.



Itacaré

Itacaré

Visita à Praia de Itacarezinho, tour panorâmico na vila de Itacaré e nas praias do centro: Ribeira, Costa, Tiririca, Resende e Concha. Parada pra degustação de chocolate na loja de Fábrica Chocolate Caseiro de Ilhéus.
DURAÇÃO: DIA INTEIRO.

Opções de Esportes Radicais:

- Canoagem pelo Rio de Contas
- Rafting nas corredeiras do Rio de Contas
- Arvorismo
- Rapel



Morro de São Paulo

Morro de São Paulo

Passeios com praias sensacionais de piscinas com recife de corais, águas cristalinas e uma fauna multicolorida.
DURAÇÃO: DIA INTEIRO.

Canavieiras

Passeio no centro histórico de Canavieiras, no porto da cidade, onde o casario antigo serviu de cenário para a gravação da novela PORTO DOS MILAGRES "Rede Globo", Praia da Costa situada na ilha de Atalaia. Visita a vila de Comandatuba com parada em lojas de artesanato.
DURAÇÃO: DIA INTEIRO.



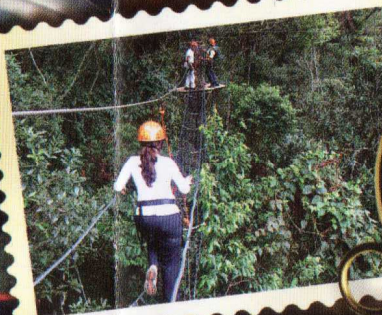
Canavieiras

Ecoparque de Una

O Ecoparque é uma RPPN (Reserva Particular do Patrimônio Natural) que foi criada para proteger a Mata Atlântica. Numa caminhada ecológica de aproximadamente 1.500mts você poderá visualizar bromélias, orquídeas e com um pouco de silêncio e sorte animais como o bicho-preguiça, macaco guigó, saguis e o mico-leão de cara dourada.
DURAÇÃO: MEIO PERÍODO.

Fazenda de Cacau

Passeio onde é contada a saga dos lendários coronéis de cacau, na fazenda de cacau você terá o privilégio de conhecer toda a história do ciclo do fruto de ouro, as plantações do cacau, as barcaças, além da degustação do fruto e do suco do cacau.
DURAÇÃO: MEIO PERÍODO.



Maraú

Off Road na Península de Maraú

O passeio com destino à praia de Taipu de Fora, na Península de Maraú, dá-se a bordo de uma Land Rover totalmente equipada e uma travessia no Rio de Contas pela balsa. Um encantador mergulho nas piscinas naturais, em meio aos corais e aos belos peixes do Oceano Atlântico.

ANEXO C – Panfleto da Fazenda Yrerê.

Fazenda (Farm)
Yrere
Turismo Rural
(Rural Tourism)
Fazenda de
Cacau e Chocolate
Cocoa and Chocolate
Farm

MARGRAF - TEL. 2126118 / 3225.2894

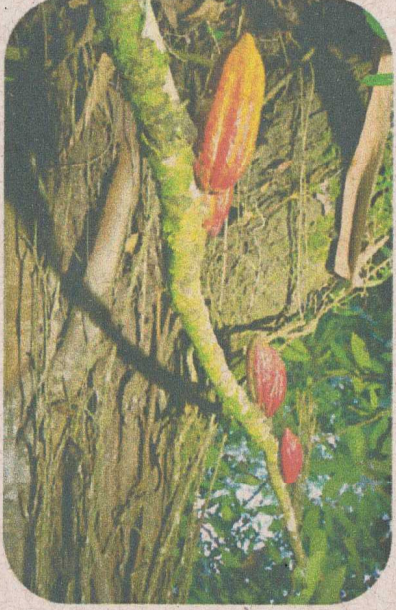
Rodovia Ilhéus-Itabuna km 11
www.fazendayrere.blogspot.com
tel.: (73) 3656-5054

ANEXO D – Panfleto da Fazenda Almada.

EM SUAS TERRAS, O CACAU É CULTIVADO À SOMBRA, EM ÁREAS DE MATA ATLÂNTICA, PROPORCIONANDO UMA RICA BIODIVERSIDADE. LÁ, ABRIGA TAMBÉM UM PROJETO DE PRESERVAÇÃO DO MICO LEÃO DA CARA DOURADA.



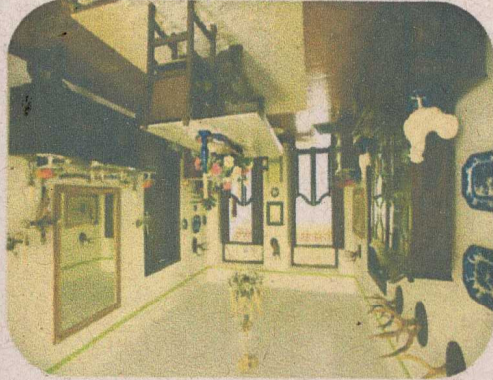
ALMOÇAR NO ALPENDRE DA CASA GRANDE NA FAZENDA ALMADA É UM CAPÍTULO À PARTE. UMA GOSTOSA COMIDA CASEIRA DE CHEIROS E SABORES BEM BRASILEIROS SERVIDOS PELA GENTE DO LUGAR.



FUNDADA EM 1855, A FAZENDA ALMADA ATÉ HOJE SOB A DIREÇÃO DA MESMA FAMÍLIA, MANTENDO A TRADIÇÃO DE UMA ATIVIDADE COMPROVANDO QUE A PRESERVAÇÃO DA NATUREZA, ALIADA AO INTERESSE ECONÔMICO, PODEM E DEVEM CAMINHAR JUNTOS!

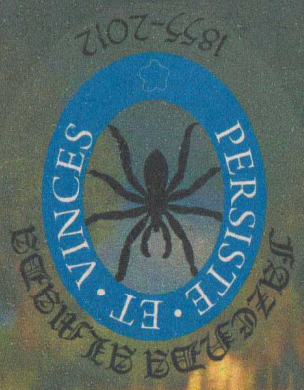
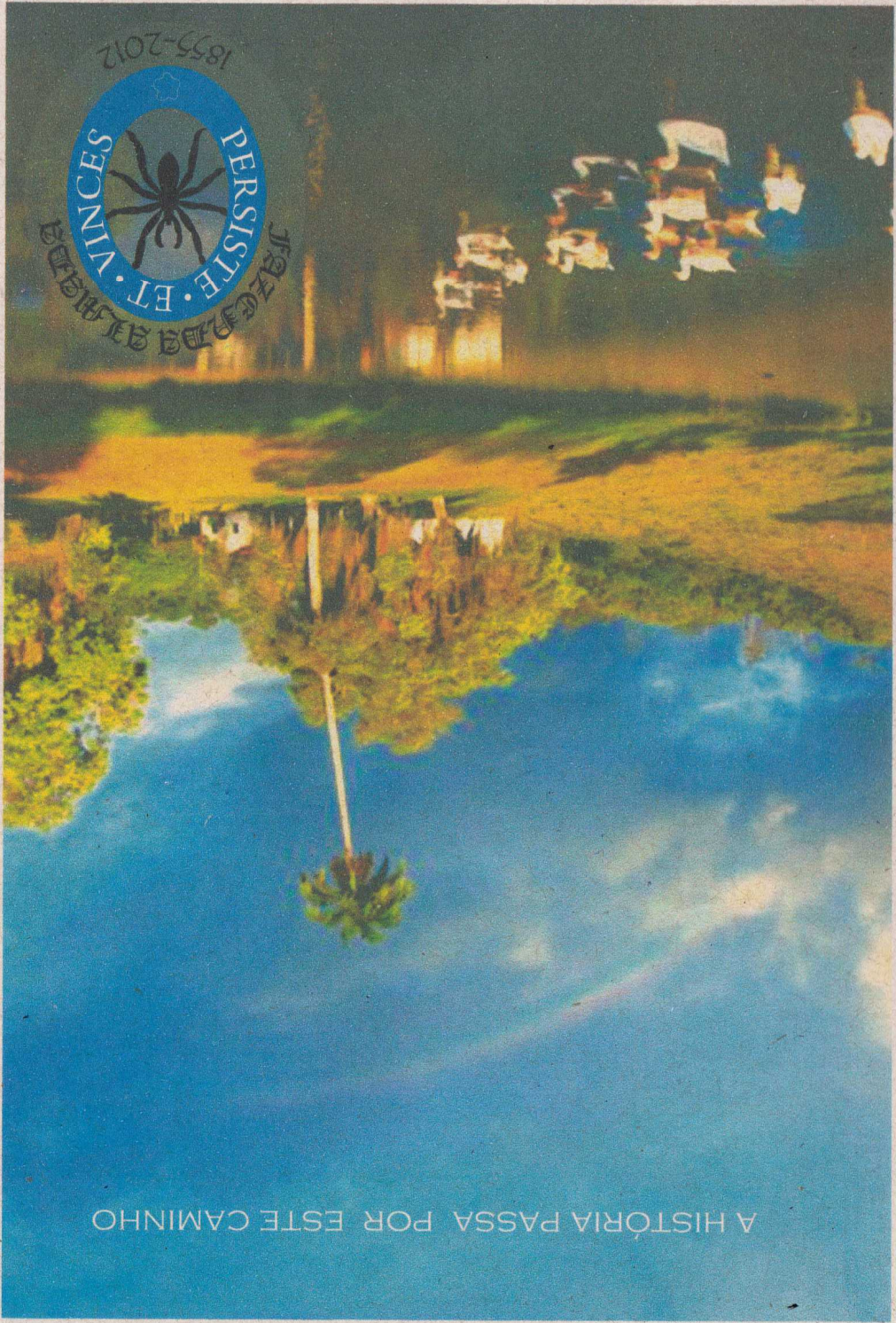


COM SUA ARQUITETURA BEM PRESERVADA, NOS TRANSPORTA AOS TEMPOS HISTÓRICOS DO ESPLENDOR E DA EXUBERÂNCIA DA CULTURA CACAUEIRA.

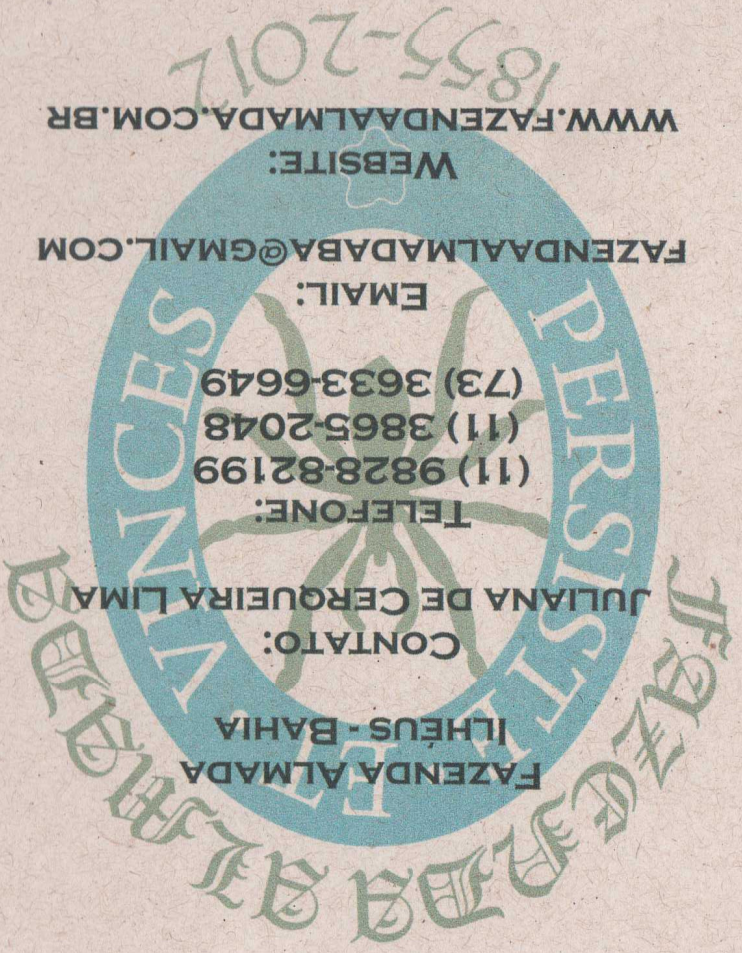


NUMA ACONCHEGANTE BIBLIOTECA, EXISTEM ANTIGOS LIVROS, DOCUMENTOS E FOTOS, QUE ILUSTRAM A HISTÓRIA DA REGIÃO CACAUEIRA.





A HISTÓRIA PASSA POR ESTE CAMINHO



WWW.FAZENDAALMADA.COM.BR

WEBSITE:

FAZENDAALMADABA@GMAIL.COM

EMAIL:

(73) 3633-6649

(11) 3865-2048

(11) 9828-82199

TELEFONE:

JULIANA DE CERQUEIRA LIMA

CONTATO:

ILHÉUS - BAHIA

FAZENDA ALMADA